



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
CURSO DE MESTRADO**

EDIMAR MARCELO COELHO COSTA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA
A RECONSTRUÇÃO DE UM OLHAR**

BELÉM-PARÁ

2015

EDIMAR MARCELO COELHO COSTA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA
A RECONSTRUÇÃO DE UM OLHAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Segurança Pública.

Linha de Pesquisa: Conflitos, Criminalidade e Tecnologia da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Cardoso e Cardoso

**BELÉM-PARÁ
2015**

EDIMAR MARCELO COELHO COSTA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA
A RECONSTRUÇÃO DE UM OLHAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luís Fernando Cardoso e Cardoso (PPGSP/UFPA)
Orientador/ UFPA

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos (PPGSP/UFPA)
Examinador Interno

Prof. Dr. Jaime Luiz Cunha de Souza (PPGSP/UFPA)
Examinador Interno

Prof. Dr. João Marcio Palheta da Silva (IFCH/UFPA)
Examinador Externo

Aprovado em: ___/___/___.

DEDICATÓRIA

A Deus, pela sua infinita representação de bondade, sabedoria e amor.

Ao meu pai, Benedito Brito da Costa, que, mesmo não estando mais entre nós, todos os dias, me orienta e me incentiva por meio do exemplo que deixou, tendo sido uma pessoa boa, caridosa, honesta e, acima de tudo, batalhadora. A minha mãe, Maria de Lourdes Coelho Costa, que tanto fez por meus estudos, e me conhece por um simples olhar.

A minha esposa, Rosineide Pessoa, e ao meu filho, Marco Antônio, por servirem de incentivo nos momentos difíceis.

Ao Prof. Dr. Luís Fernando Cardoso e Cardoso, meu orientador, excelente professor e orientador, o qual acreditou em mim e, sem esta confiança, seria impossível terminar esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

À misericórdia divina presente em Deus, que favoreceu, por meio de seu amor e sabedoria, condições para que fossem superadas todas as adversidades deste caminho acadêmico.

À minha família, esposa, Rosineide Pessoa, e filho, Marco Antônio, por compartilharem os momentos difíceis e fáceis da minha vida, enchendo-me de amor e atenção, favorecendo-me para que eu seja cada dia uma pessoa melhor.

A todos os meus professores, que, desde tão cedo, fizeram o alicerce do saber em minha vida e, a cada passo, deixaram-me mais próximo dessa conquista.

À Universidade Federal do Pará, na presença de todos os participantes deste centro de estudo, por ter demonstrado coragem e determinação em transformar uma ideia em realidade, materializando a criação de um local de referência na área de Segurança Pública. Obrigado pela realização deste sonho

Aos amigos de trabalho, que contribuíram ajudando durante minhas ausências, agradeço pelo incentivo a prosseguir no curso e a vencer todos os obstáculos existentes.

Aos profissionais de Segurança Pública, que, todos os dias, colocam suas vidas em risco, visando defender o que acreditam e os seus ideais, e não obtiveram a oportunidade de continuar estudando para se tornar um profissional melhor.

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender

Polícia! Para quem precisa!

Polícia: Tony Belotto

RESUMO

Esta dissertação investigou as Representações Sociais acerca da violência e o sentimento de insegurança dos moradores do bairro do Guamá, cidade de Belém, PA, região tida como área de periferia, pelos meios de comunicação. O presente estudo buscou compreender, por meio de duas frentes de trabalho (quantitativo e qualitativo), como tais fenômenos sociais se configuram nesta referida área. Para a coleta de dados, foram elaborados dois instrumentos: o primeiro, um questionário semiaberto buscando dados da população em geral sobre aspectos pertinentes à violência e ao perfil socioeconômico do público escolhido; o segundo instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista, o qual permitiu o aprofundamento das questões voltadas às Representações Sociais da violência e suas consequências na vida dos moradores desta região, da cidade de Belém. Para este segundo momento, foram escolhidos, como categoria representativa dos moradores deste bairro periférico, líderes comunitários, por vivenciarem a mesma realidade que as demais pessoas e por compartilharem a mesma influência social. Diante disso, pode-se inferir que os moradores do Guamá representam o bairro de forma diferenciada da dos demais moradores da cidade, mesmo que recebendo igual influência dos meios de comunicação, demonstrando, assim, um sentimento de não desejar sair do bairro, para morar em outra região. A pesquisa também indicou que, apesar do forte sentimento de identificação com o bairro, os moradores estão readaptando padrões de comportamento em razão do sentimento de insegurança e do reconhecimento negativo da atividade policial, destacando que este mesmo sentimento de insegurança possa estar acompanhado pelas demais áreas da cidade de Belém, transcendendo a barreira imaginária da região estudada.

Palavras-chave: Representação Social; Violência; Insegurança; Atividade Policial.

ABSTRACT

This research investigated the social representations about the violence and the feeling of insecurity of residents of the Guamá neighborhood, city of Belém-PA, region seen as periphery area, by the media. This study aimed to understand, through two work areas (quantitative and qualitative), such as social phenomena that are configured in this area. For data collection were developed two tools: the first one semi-open questionnaire seeking population data in general about aspects related to violence and socio-economic profile of the chosen public; the second instrument used was an interview guide which allowed the deepening of questions related to the social representation of violence and its consequences for the lives of the residents of this region. For this second phase were chosen as representative category of the residents of this suburb, community leaders, experiencing the same reality as everyone else and share the same social influence. Therefore, it can be inferred that the residents of Guamá represent the differently neighborhood of other city dwellers, even receiving equal influence of the media, thus demonstrating a sense of do not want to leave the neighborhood, to live in another region . The survey also indicated that despite the strong sense of identification with the neighborhood, residents are readapting patterns of behavior because of the sense of insecurity and negative recognition of policing, noting that this same feeling of insecurity is accompanied for other areas of the city Belém, transcending the imaginary barrier region studied.

Keywords: Social representation; Violence; Insecurity; Police activity

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

01	Figura 1: Quadro descritivo das representações sociais da violência e percepção da região, no discurso dos líderes comunitários do bairro do Guamá, 2015.	39
02	Figura 2: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero, 2015.	45
03	Figura 3: Percentual de moradores do Guamá por gênero e faixa de tempo em que residem no bairro (foram selecionadas as dez categorias com maiores percentuais), 2015.	46
04	Figura 4: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e raça/cor, 2015.	46
05	Figura 5: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e quantidade de pessoas residentes na casa, 2015.	47
06	Tabela 1: Percentual de moradores do bairro Guamá, entrevistados, por gênero e descrição do significado de violência, 2015.	33
07	Tabela 2: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e se consideram o Guamá violento, 2015.	33
08	Tabela 3: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e motivo do Guamá ser violento, 2015.	34
09	Tabela 4: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e situação de insegurança/medo, decorrente de sua prática diária, 2015.	34
10	Tabela 5: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e local de maior segurança, decorrente de sua prática diária, 2015.	35
11	Tabela 6: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e reação a situações de violência, decorrente de sua prática diária, 2015.	35
12	Tabela 7: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e deixar de fazer algo devido à violência, 2015.	35
13	Tabela 8: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e o que deixa de fazer devido à violência, 2015.	36
14	Tabela 9: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e considera a violência normal atualmente, 2015.	36

15	Tabela 10: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e identificação/gostar do bairro, 2015.	36
16	Tabela11: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se sente vontade de morar em outro bairro, 2015.	36
17	Tabela 12: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e sentimento de morar no Guamá, 2015.	37
18	Tabela 13: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e percepção da polícia, 2015.	37
19	Tabela 14: Percentual de moradores do Guamá entrevistados do Guamá por gênero e faixa etária (em anos), 2015.	45
20	Tabela15: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e grau de escolaridade, 2015.	46
21	Tabela 16: Percentual dos moradores do Guamá entrevistados, por gênero e renda familiar, 2015.	47
22	Tabela 17: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e tipo de propriedade, 2015.	47
23	Tabela 18: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e participação em atividades culturais e esportivas, 2015.	48
24	Tabela 19: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e meios de informação de violência, 2015.	48
25	Tabela 20: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se consideram o Guamá perigoso, 2015.	48
26	Tabela 21: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e motivo do Guamá ser perigoso, 2015.	49
27	Tabela 22: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se consideram Belém perigosa, 2015.	49
28	Tabela 23: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e situação que considera Belém perigosa, 2015.	49
29	Tabela 24: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e motivo que considera a violência normal atualmente, 2015.	50
30	Tabela 25: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência que presenciou 2015.	50

31	Tabela 26: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se já foi vítima de violência, 2015.	50
31	Tabela 27: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência sofrida, 2015.	51
32	Tabela 28: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência percebida, 2015.	51

LISTA DE SIGLAS

ALEPA - Assembleia Legislativa do Pará

ASIPAG – Ação Social Integrada de Governo

BA – Bahia

CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PA- Pará

PM – Polícia Militar

POA- Porto Alegre

R. S. – Representação Social

SIAC - Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal

UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Lista de Figuras e Tabelas	
Lista de Siglas	
APRESENTAÇÃO	13
1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS	14
1. Introdução.....	14
1.1 Problema de Pesquisa.....	15
1.2 Hipótese.....	15
1.3 Objetivos.....	15
1.3.1 Geral.....	15
1.3.2 Específicos.....	16
1.4 Compreendendo a Teoria das Representações Sociais e Violência.....	16
1.4.1 Explicando a Teoria das Representações Sociais.....	16
1.4.2 Violência e Representações Sociais.....	17
1.4.3 Estudos acerca da Violência e Representações Sociais.....	20
1.5 Procedimentos Metodológicos.....	23
2 – ARTIGO CIENTÍFICO	24
Resumo / Abstract.....	24
Introdução.....	25
2.1 De Qual Violência Estamos Falando?	28
2.2 Trajetória Metodológica.....	32
2.3 Resultado Análise e Discussões.....	33
2.3.1 Dados Quantitativos.....	33
2.3.1.1 Compreensão dos Dados Quantitativos.....	37
2.3.2 Dados Qualitativos.....	38
2.3.2.1 Compreensão dos Dados Qualitativos.....	39
2.4 Conclusão.....	42
2.5 Referências Bibliográficas.....	42
3 – OUTROS DADOS COLETADOS NA PESQUISA	45
3.1 Análise Complementar de Dados.....	51
3.1.1 Perfil socioeconômico e Representação da Violência.....	51
CONCLUSÃO FINAL	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXO	57
APÊNDICE	59

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho buscou compreender a elaboração das Representações Sociais acerca da violência e o sentimento de insegurança dos moradores do bairro do Guamá, cidade de Belém, PA, com o objetivo de analisar como tais fenômenos sociais se configuram e influenciam comportamentos nessa área de periferia.

Para atingir este objetivo, o presente estudo foi dividido em quatro capítulos, conforme descrito a seguir: o primeiro, voltado a aspectos teóricos, pertinentes à apresentação, à justificativa, aos problemas a serem investigados, aos objetivos, à revisão da literatura acerca das Representações Sociais e à violência, bem como às contribuições que possam ser alcançadas por este trabalho.

O segundo é composto por um artigo intitulado “Representação Social da violência na periferia: a reconstrução de um olhar”, que buscou, por meio de dados qualitativos e quantitativos, compreender a forma como moradores do bairro do Guamá representam socialmente a violência e quais características foram geradas com base no sentimento de insegurança.

O terceiro capítulo abrange os outros dados coletados na pesquisa, que servem como ponto de aprofundamento de questões referidas ao tema, com dados socioeconômicos da região estudada, entre outros.

No último capítulo desta dissertação, estão presentes as conclusões sobre a relação existente entre os temas abordados, como violência e Representação Social em uma área percebida e amplamente divulgada como espaço de periferia, as sugestões de enfrentamento ao fenômeno estudado e a elaboração de novos estudos nesta área.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do aprimoramento dos processos de transformações sociais, foram observadas mudanças significativas dos seres humanos, tanto em âmbito científico tecnológico quanto em seus aspectos culturais. Enaltecendo este contexto, toma destaque o fato de que a humanidade, em um curto espaço de tempo, passou de tribos nômades coletoras de seus alimentos para grandes e complexas civilizações.

Com o advento da sociedade moderna, surgiu a necessidade de serem elaboradas regras mais distintas de convívio em grupo e de se tentar compreender melhor as características dos eventos sociais. Pesquisadores passaram a elaborar estudos ora se aprofundando em questões específicas de uma região, ora estudando problemas globais, tais como a violência, a qual atinge um significativo número de pessoas na atualidade.

O conceito de violência é um termo de fundamentação teórica diversificada e de grande abrangência. O objetivo deste trabalho não é esgotar as possibilidades de entendimento desse fenômeno, e sim tentar compreender a forma como se estruturam as Representações Sociais da violência em bairros de periferia tidos como perigosos, pelo elevado número de ocorrências policiais.

Este trabalho não visa valorar o motivo pelo qual pessoas incessantemente incorrem em práticas vinculadas a atos de violência, e sim compreender a estruturação das Representações Sociais, a Objetivação e a Ancoragem criadas como imagem e justificção do fenômeno violência na periferia, bem como o surgimento e a predominância dos sentimentos de insegurança, os quais são derivados deste processo.

Para se entrar neste universo pautado de entendimentos individualizados, estruturados sobre a mesma influência social, optou-se por utilizar como ferramenta de compreensão deste vasto campo do saber as Representações Sociais, pois suas elaborações se estruturam com elevada manifestação de valor, sendo observadas como um saber real por parte da sociedade.

O conceito de Representação Social favorece a estruturação necessária para se compreender como os moradores estão concebendo e enfrentando a violência nas áreas de subúrbio. Neste entendimento, observa-se que as Representações Sociais são elaboradas, construídas no fluxo das relações sociais, nas quais, existe uma interação recíproca de ideias compartilháveis e comunicáveis sobre o entendimento de um determinado fenômeno. As ações individuais são orientadas pelas representações existentes que foram construídas por meio de relações recíprocas que embasam as

estratégias de ação e mensuram cognitivamente as possíveis consequências, frutos das ações deliberadas.

Estudar o tema proposto, na região delimitada como periferia, serviu de instrumento para se identificar como a população do Guamá lida e elabora estratégias de enfrentamento ao fenômeno violência, bem como destacar quais ações assumem maior influência em seus contextos diários.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Visando compreender os conflitos pertinentes ao tema, essa pesquisa teve como proposta identificar a forma de estruturação das Representações Sociais sobre a violência dos moradores de uma delimitada região de periferia, o Bairro do Guamá, bem como o surgimento e a predominância dos sentimentos de insegurança derivados deste processo.

1.2 HIPÓTESE

A hipótese que norteou este estudo tem a seguinte afirmativa:

As Representações Sociais da violência dos moradores do Bairro do Guamá, tidas como violentas pelos meios de comunicação e pela polícia, são similares onde a violência é percebida por meio da manifestação dos sentimentos de insegurança e medo, sendo sentida tanto no bairro periférico quanto nas demais regiões da cidade. Acredita-se, também, que a Representação Social originária desses moradores foi estruturada em aspectos de dessensibilização sobre as questões de homicídios, por acreditar que os que morem não são aqueles com quem os moradores do Guamá se identifiquem, valorando mais as ocorrências de roubo do que a preservação da vida.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral:

Analisar as Representações Sociais da violência e o sentimento de insegurança para os moradores no bairro do Guamá, região de periferia da cidade de Belém.

1.3.2 Específicos:

- i) Investigar a forma como os moradores do Guamá representam o bairro, (seguro / inseguro) e em quais situações prevalecem esses sentimentos;
- ii) Compreender como a população do Guamá convive com as situações de violência e o sentimento de insegurança em seu cotidiano;
- iii) Identificar as Representações Sociais (Objetivações e Ancoragem) dos líderes comunitários do Guamá acerca da violência e quais estratégias de enfrentamento de tal situação.

1.4 COMPREENDENDO A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A VIOLÊNCIA.

Visando apresentar a literatura adequada sobre o tema proposto, foi preponderante esclarecer que partiu-se da premissa da elaboração de um construto teórico para que o leitor possa compreender a estruturação das Representações Sociais, seu vínculo com o tema violência e os estudos atualizados que perpassam por esta relação, conforme descritos nas seções a seguir.

1.4.1 EXPLICANDO A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de Representação Social surge sob forte influência da ideia de “Representação Coletiva”, desenvolvida e divulgada por Durkheim, tendo em um contexto histórico assumido grande valorização e abrangência nos mais diversificados campos do saber. Neste sentido, pode-se afirmar que estudar o desenvolvimento histórico das Representações Sociais implica assumir uma postura universalista sobre este ramo do saber, o qual sofreu influência de inúmeros pesquisadores ligados à teoria da Gestalt e da Escola de Frankfurt, chegando aos meados da contemporaneidade com Moscovici (1978) e os trabalhos de Jodelet (1989).

O conceito de Representação Social, elaborado por Moscovici (1978), assumiu corpo teórico em seu processo embrionário, sob a influência de várias vertentes e estudos de renomados autores, tais como: a teoria de Piaget (1977), sobre as Representações Infantis; os trabalhos de Saussure (1975), sobre a linguagem; e o descrito por Vygotsky (1972), sobre o desenvolvimento cultural.

Inicialmente, este termo foi delineado por Moscovici (1978), sendo divulgado ao universo acadêmico por meio do estudo que objetivava saber a Representação Social da Psicanálise, recebendo a denominação de *Psychanalyse: son image et son public*. Nesse

estudo, o autor consegue extrair das vertentes sociológicas e psicológicas o constructo da definição de Representação Social, o qual se configurou como uma forma de saber específico, que assumiu a proposta de elaborar condutas e repassá-las pela comunicação.

A definição de Denise Jodelet (2002, p.22) sobre o conceito de Representação Social demonstrou ser a de maior conformidade entre os pesquisadores desta área, descrevendo: “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Seguindo essa forma de descrição, Alexandre (2004) define a Representação Social como:

Uma modalidade particular porque não é todo “conhecimento” que pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, porém se parece com ele, assim como aos mitos, no que diz respeito à elaboração destes conhecimentos a partir de um conteúdo simbólico e prático (ALEXANDRE, 2004 p. 127).

Em um contexto maior, Moscovici (1981) destacou dois aspectos como ramos do saber social: O primeiro, de caráter ideológico, pertinente à cognição e às Representações Sociais; o segundo, voltado aos fenômenos de comunicação, todos entrelaçados ao processo de relacionamento humano.

1.4.2 VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A violência é um termo que se configura como um fenômeno que possui inúmeras formas de expressões e características, cujas manifestações são elaboradas e personalizadas pela interferência cultural existente em cada grupo social em que ela se manifesta. No contexto acadêmico, a violência é observada como um fenômeno interdisciplinar, sócio-histórico, atemporal e global, que interfere direta e indiretamente nas relações sociais existentes.

Um dos grandes problemas que atinge a humanidade desde primórdios e cada vez mais vem sendo questionada, trazendo preocupação à sociedade contemporânea, no contexto mundial, globalizado e multicultural é o fenômeno da violência (COSTA; COUTINHO, 2011, p. 1).

Wieviorka (2006) observa que existe uma diferenciação histórica na compreensão do fenômeno violência, bem como a dificuldade em conceituá-lo, pois:

“Desde que aparece o termo “violência”, inúmeros problemas surgem, para começar, o de saber do que falamos. Porque o termo violência amalgama um imenso conjunto de noções, todas mais ou menos confusas ou desordenadas” (WIEVIORKA, 2006, p.201).

Estudos de Adorno (2002), Wacquant (2007) e Bourdieu (2011) acerca da violência indicam a importância da elaboração do construto em tela, associado a atos vinculados à criminalidade e aos sentimentos de insegurança e medo.

O que se observa no momento, é uma escalada de crimes e violações das leis e das normas cuja consequência é, também, uma crescente insegurança e mudança de comportamento da população, particularmente nos grandes centros urbanos. Manifestando-se em novas formas, a violência ocupa um espaço cada vez maior na mídia, nas conversações cotidianas e nas produções acadêmicas. (ANCHIETA; GALINKIN, 2006, p. 02)

Para se adentrar neste universo pautado de entendimentos individualizados, estruturados sobre a mesma influência social, optamos por utilizar como ferramenta de compreensão as representações sociais, pois elas se estruturam com elevada manifestação de valor, sendo observadas como um saber real por parte da sociedade.

[...] a teoria das representações sociais baseia-se na ideia de que as pessoas criam teorias próprias e buscam respostas ou esclarecimentos para uma diversidade de assuntos, como por exemplo, a escola, a política, a religião, a moral, os costumes, a saúde, a doença etc. Porém estes esclarecimentos possuem uma lógica, não são simples opiniões, baseiam-se em experiências individuais e grupais, são carregados de valores e informações que chegam de diferentes fontes. (RIBEIRO; JUNIOR, 2009, p.38)

O conceito de Representação Social favorece a estruturação necessária para se compreender como os moradores do Guamá estão concebendo a violência. Isso porque tais representações são elaboradas e construídas no fluxo das relações sociais, existindo uma interação recíproca de ideias compartilháveis e comunicáveis sobre o entendimento de um determinado fenômeno.

Moscovici (1961) destaca que o processo de familiarização com o novo, o qual favorece a transformação de um conteúdo estranho e possivelmente ameaçador em um conteúdo familiarizado, perpassa pela função cognitiva das representações sociais. Neste conjunto do saber acerca da elaboração das representações, o autor ainda ressalta a existência de dois processos: objetivação e ancoragem.

Os estudos de Moscovici (1981) enfatizam que os processos de objetivação e ancoragem servem para entendermos como o “novo” se familiariza, se percebe, utilizando mecanismos de comparação e interpretação e, posteriormente, esses conteúdos são internalizados. A objetivação está ligada diretamente ao processo

formador de imagem, sendo o mecanismo em que as noções abstratas são transformadas em conteúdos concretos, quase tangíveis (SPINK, 1993).

Essa assertiva toma força quando se identifica nos trabalhos de Moscovici (1988) que as imagens elaboradas se tornam tão vividas que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa. A ancoragem, por outro lado, é tida como um processo transformador e de comparação, na qual justifica-se conteúdos pautados em teorias pré-existentes que são utilizadas no cotidiano:

Ancoragem – Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nossos sistema particular de categorias e o compara com paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social. (MOSCOVICI, 2012, p 60)

Essas categorias serão utilizadas como estruturas basilares para o entendimento do processo de elaboração das representações sociais sobre a violência, pois compreender o meio de familiarização do novo em conteúdos absorvidos como um construto normal das relações cotidianas significa voltar a atenção para a maneira como se constrói a realidade e pauta-se as decisões.

Falar em representações sociais e seus multifacetados meios de aplicação significa conceber que sua estruturação cognitiva se dá pautada nas categorias objetivação e ancoragem. Quando se vislumbra a possibilidade de compreender como os moradores de uma região de periferia representam socialmente a violência, faz-se por se acreditar que tais representações estruturam o meio social em que as pessoas vivem, constroem valores, absorvem e criam ideologias.

Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la (JODELET, 2002, p.1).

Neste sentido, a compreensão das Representações Sociais da violência no bairro do Guamá significou tentar entender a análise das práticas intersubjetivas do cotidiano deste bairro, por meio do constructo organizado e estruturado de opiniões, crenças e atitudes. A violência é um fenômeno que, socialmente, é representado das mais diversas

formas, sendo seus mecanismos de entendimento, suas estratégias de defesa e a maneira de justificá-lo são característicos de cada região, e entender como este processo ocorre no Guamá foi o objetivo em questão.

O conceito de Representação Social favorece a estruturação necessária para se compreender como os moradores de uma região de periferia estão concebendo e enfrentando a violência. Neste entendimento, observa-se que as representações sociais são elaboradas, construídas no fluxo das relações sociais em que existe uma interação recíproca de ideias compartilháveis e comunicáveis sobre o entendimento de um determinado fenômeno. As ações individuais são orientadas pelas representações existentes, construídas por meio de relações recíprocas que embasam as estratégias de ação e mesuram cognitivamente as possíveis consequências, fruto das ações deliberadas.

1.4.3 ESTUDOS ACERCA DA VIOLÊNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Visando melhor compreender o fenômeno das Representações Sociais atrelado à violência, foram destacados alguns estudos abaixo descritos. No decorrer desta leitura, surgiram semelhanças entre os estudos referidos e o presente trabalho, entretanto destacaram-se características individualizadas, referentes à localização e à metodologia utilizada, e características específicas da amostra selecionada.

Castro e Freitas (2014) desenvolveram um artigo no qual trataram da Representação Artística à Representação Social da periferia de Belém. O estudo objetivou compreender o papel dinâmico do núcleo central das representações, estruturado por meio do processo dialógico inerente à experiência social. Os autores demonstraram, como foco principal, a relação entre periferia e violência, a qual funcionou como uma forma de julgamento moral e preconceituosa sobre o espaço em que habitam. Fato que se assemelhou ao estudo aqui desenvolvido, cujos entrevistados passaram a representar os aspectos positivos do espaço periférico, em detrimento das necessidades existentes.

Costa e Coutinho (2011) elaboraram um estudo sobre a temática proposta, utilizando uma abordagem psicossocial, em que objetivou compreender as Representações Sociais das crianças e dos adolescentes acerca da violência, delimitando esta proposta a aspectos familiares. A presente tese é um estudo de cunho quantitativo-qualitativo, fato que se assemelhou à estratégia metodológica do estudo aqui desenvolvido. Os resultados das representações dos adolescentes em relação à violência foram ancorados nas consequências desta ação, tendo destaque sua forma materializada,

a violência física, ficando em segundo plano as demais possibilidades existentes. Este resultado se aproximou do estudo aqui desenvolvido, no qual, a representação da violência na periferia, no âmbito quantitativo, remete a respostas similares.

No estudo qualitativo realizado por Galinkin, Almeida e Anchieta (2012), o qual investigou as Representações Sociais de Professores e Policiais sobre Juventude e Violência, também foram observadas equivalências entre os resultados dele e o do estudo aqui desenvolvido. Este trabalho teve por objetivo identificar as Representações Sociais sobre a violência, em particular, a praticada por jovens. Foi objetivado, por parte do público estudado, que a família é uma das responsáveis pela violência praticada pelos jovens, por se desobrigar do papel socializador dos filhos.

Outra investigação sobre a violência utilizando o método quantitativo foram os trabalhos desenvolvidos por Santana (2012), quando estudou as Representações Sociais de estudantes acerca da violência na escola, identificando os significados associados a esta violência, suas raízes e possível prevenção. Os dados levantados possibilitaram compreender que a violência está vinculada à agressão física e à criminalidade. Apesar de a delimitação do estudo estar vinculada a adolescentes e ao espaço escolar, os resultados a respeito das Representações Sociais da violência demonstraram-se análogos à população delineada como moradora de uma região de periferia.

Nos trabalhos de Almeida (2012), observou-se o enfoque sobre as Representações Sociais da violência urbana para policiais civis da cidade do Recife. O estudo firmou sua importância diante das dimensões e repercussões alcançadas pela violência urbana atualmente, o que pode ser julgado pelos discursos midiáticos. Os resultados demonstraram que os participantes objetivam a violência urbana nos crimes, e as representações sociais dessa violência podem estar ancoradas em uma ligação entre pobreza, violência e drogas. No estudo aqui desenvolvido, a pobreza não surgiu como fator de ancoragem, tendo ocorrido relevância nos aspectos de violência e drogas.

Os trabalhos de Melo, Barros e Almeida (2011) acerca da Representação da violência utilizaram métodos qualitativos. Os resultados apontaram para a Representação da violência como ato de causar danos a outrem, sendo sua forma física a mais citada. O uso de drogas foi assinalado como sua principal causa; um maior policiamento foi a estratégia de enfrentamento mais lembrada; a formação de família foi o projeto mais comentado. A estratégia de enfrentamento citada como prioridade não assumiu destaque nos demais estudos, entretanto os outros resultados assumiram significância por se tratar de representações equivalentes às dos demais estudos.

Oliveira, Chamon e Mauricio (2010), em seus trabalhos sobre o tema Representação social da violência, indicaram a importância das representações sociais como um recurso metodológico de conhecimento dos fenômenos do cotidiano. Os resultados desta pesquisa apontaram duas classes de representação da violência: Perspectiva social e política e Perspectiva familiar. Na segunda perspectiva, os estudantes perceberam mais as manifestações da violência física e psicológica, as quais remetiam a elementos como falta de amor, desestruturação familiar e violência doméstica.

Na pesquisa realizada por Gamalho e Heidrich (2009), cujo tema abrange a relação entre a periferia das representações sociais ou as representações sociais da periferia, observou-se que o presente trabalho propôs uma reflexão acerca das representações sociais do bairro Restinga – localizado na periferia urbana de Porto Alegre. Os autores partiram do pressuposto que há, no senso comum, a construção das representações sociais do bairro vinculada às suas condições de: periferia, pobreza e violência. Essa perspectiva confirmou a fragmentação do espaço como campo de exclusão social. Contudo a realidade foi muito mais vasta e plural do que propuseram os estereótipos construídos. Este estudo possuiu, em sua estruturação e conclusões, dados análogos aos da pesquisa aqui disposta, mesmo sendo desenvolvido em regiões totalmente distintas e com características próprias.

Os estudos acima citados trabalharam a problemática da violência como uma realidade psicossocial e utilizaram a Teoria das Representações Sociais. As similaridades entre alguns trabalhos são nítidas, no entanto cada um deles abordou o assunto sob um enfoque diferenciado, a partir de técnicas quantitativas quanto qualitativas. Em resumo, as investigações aqui destacadas indicam, inicialmente, similaridades, mas, ao se observar por um olhar um pouco mais técnico, fica evidente que cada uma delas apresenta suas particularidades, tanto no que se diz respeito à metodologia de coleta de dados quanto no que diz respeito aos objetivos e contextos sociais em que o público-alvo está inserido.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como base uma compreensão quantitativa e qualitativa do fenômeno estudado. O seu conteúdo foi trabalhado por meio da teoria das Representações Sociais e permeia o campo de análise com relação à subjetividade e ao simbolismo (MINAYO; SANCHES, 1993).

O estudo utilizou dois instrumentos de coleta de dados. O primeiro foi um questionário fechado, aplicado aleatoriamente aos moradores do bairro, independente de sua situação de raça, credo religioso, questões políticas, econômicas, aspectos de gênero (masculino/feminino) ou opção sexual. Foram excluídos desta pesquisa crianças com idade igual ou inferior a 12 anos, ou pessoas com visíveis quadros de limitação física, dependência química ou doença mental. Foram aplicados questionários na população alvo, respeitando a margem de erro amostral de 10%, considerando a população total do bairro (94.610 mil habitantes).

O segundo instrumento de coleta de dados utilizado foi um roteiro de entrevista (aberto), o qual visou observar os aspectos do construto das Representações Sociais em duas categorias: Objetivações (imagens construídas sobre o fenômeno) e Ancoragens (justificativas políticas ideológicas sobre a violência). Visou-se, assim, instrumentalizar uma estratégia metodológica de análise das manifestações de violência existentes na área de periferia.

Para aplicação do segundo instrumento, foram escolhidos 08 (oito) presidentes de centros comunitários do bairro do Guamá registrados no ASIPAG (Ação Social Integrada do Governo), por acreditar que estes possuem uma vivência cotidiana com os problemas da região, além de serem, perante o Poder Público, os porta-vozes das angústias da maioria dos moradores locais.

Quanto à coleta dos dados, foram explicitados os objetivos da pesquisa, solicitada a permissão para sua realização e assinado o Termo de Livre Consentimento, informado por parte dos líderes comunitários, a fim de serem resguardadas questões éticas. Teve-se por base na coleta de dados o respeito entre os que não estavam disponíveis no momento da pesquisa, ou seja, os que não desejaram participar ou os líderes comunitários que, por motivo particular, não se fizeram presentes no bairro. Participaram da pesquisa 100 (cem) pessoas e 08 líderes comunitários, todos pertencentes ao bairro do Guamá.

CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA A RECONSTRUÇÃO DE UM OLHAR

Autor: Edimar Marcelo Coelho Costa¹

Orientador: Luís Fernando Cardoso e Cardoso²

RESUMO

Este artigo trata das Representações Sociais a respeito da violência para os moradores do bairro do Guamá, no município de Belém, Estado do Pará. Este bairro é reconhecido pelos meios de comunicação midiáticos como área de periferia com altos índices de violência. Optou-se pelo conceito de Representações Sociais como elemento analítico por este ajudar a observar como as pessoas elaboram um conjunto de práticas e relações sociais inserido em seus próprios contextos. Os dados obtidos por meio das entrevistas e dos questionários mostraram uma prevalência, na fala dos entrevistados, quanto à representação da violência como predominantemente ligada ao roubo, atribuindo menos importância a outros tipos de violência, inclusive a morte. No Guamá, existe uma naturalização da violência em razão da frequência a que a população está submetida. A pesquisa ainda aponta existência de um processo de reconfiguração dos padrões de comportamentos no universo público por causa das novas situações de insegurança e medo que assolam o bairro.

Palavras-Chave: Cidade de Belém, Violência, Periferia, Representações Sociais.

ABSTRACT

This article deals with social representations about violence to the inhabitants of the Guamá neighborhood in the city of Belém, Pará State. This neighborhood is recognized by the media as media periphery area with high rates of violence. We opted for the concept of social representations as an analytical element for this help observe how people prepare a set of practices and social relations embedded in their own contexts. The data obtained through interviews and questionnaires showed a prevalence speech of respondents regarding the portrayal of violence as predominantly linked to theft by assigning less importance to other types of violence, including death. In Guamá, there is a naturalization of violence by the frequency with which the population is subjected. The research also shows the existence of a process of reconfiguration of the patterns of behavior in the public world because of the new situations of insecurity and fear that plagues the neighborhood.

Keywords: City of Belém Violence, Periphery, Social Representations.

¹Mestre em Segurança Pública, da Universidade Federal do Pará (PPGSP/UFGPA). Contato: edimarcelo@ig.com.br.

² Doutor em Antropologia Social, Professor da Faculdade de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFGPA (FCS/UFGPA), do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública. Contato: luiscardt@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os cientistas sociais têm se preocupado em compreender as aceleradas transformações da vida social contemporânea. No tocante à temática da violência, medo e sensação de insegurança nos centros urbanos, as reflexões abrangem as mudanças sociais decorrentes dos padrões de sociabilidades, controle social formal e informal, assim como as estratégias cotidianas para burlar os imponderáveis na vida social nas cidades. Adorno (2002), Zaluar (1999), Wacquant (2007), Wieviorka (2006), Bourdieu (2011) e Buoro (1999) têm, de maneira direta ou indireta, congregado esforços nesse sentido, possibilitando, assim, apreender a realidade presente. Compartilhando a preocupação de outros autores, este artigo analisa as representações sociais sobre a violência e o sentimento de insegurança dos moradores do bairro do Guamá, cidade de Belém, PA.

A cidade de Belém, semelhante às demais capitais do País, enfrenta sérios conflitos oriundos de um processo de expansão urbana, ocorrido de forma rápida e desordenada. A maior parte da população ocupa as áreas do entorno do centro, formando periferias, baixadas na designação local, sem infraestrutura necessária ao convívio social digno, já que os serviços urbanos básicos são muito precários.

As baixadas de Belém “é um reflexo da noção de hierarquização social da população da cidade, na qual os menos favorecidos encontram-se na periferia” (DA MATTA 1991, p. 36). A perspectiva de Da Matta está distante do *homo economicus*, uma vez que considera as condições materiais, culturais e simbólicas presentes na distinção entre centro e periferia. Tais aspectos carregam em si noções de pobreza, criminalidade, violência e marginalidade. Isso condiciona os sujeitos a organizarem seus mundos e relações sociais com base em tais princípios classificatórios.

Estar na periferia é estar numa condição de subalternidade. Os homens e as mulheres que residem nesse espaço social possuem a maioria de suas relações sociais restritas a ele. Quando se afastam desses lugares, mesmo assim, por eles são marcados. A periferia é um espaço, mas torna-se também uma condição, uma insígnia carregada pelos sujeitos na cidade.

Na região urbana central da cidade Belém, houve elevada expansão vertical, inúmeras edificações surgiram a cada mês, sendo tudo isso acompanhado de intensa especulação imobiliária. Essa imagem é contrária à da periferia, que se caracteriza pelo crescimento horizontal, em que a expansão é descontrolada, com casas construídas nos

quintais, ao lado, ou em cima de casas de parentes. Isso ajuda a caracterizar, ainda mais, essa população e os seus espaços como próprios aos excluídos socialmente.

É latente em Belém a falta de investimento em políticas públicas específicas para o desenvolvimento urbano. Tais lacunas deixaram de observar o rápido crescimento populacional que não foi acompanhado dos necessários investimentos em infra-estrutura ou por controles sobre o uso e ocupação do solo, o que, combinado com a falta de alternativas acessíveis à habitação urbana voltada para grupos de baixa renda, levou ao surgimento de invasões e ocupações, com habitações precárias e terra (PALHANO; SILVA; PASSOS, 2009, p. 7).

Diante desse contexto e entre os inúmeros bairros e distritos existentes em Belém, o Guamá assumiu destaque por ser considerado o mais violento, isso porque se tem elevado o número de homicídios. “O bairro do Guamá apresenta a maior taxa de homicídio do Estado do Pará e o bairro do Jurunas encontra-se em segundo lugar” (CHAGAS, 2014, p. 199), sobretudo se comparado com os demais bairros da Região Metropolitana de Belém. No entanto, em outras modalidades de delitos, como roubo, latrocínio e furto, o Guamá não assumiu destaque, segundo os dados da Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC, 2014).

O número de ocorrências envolvendo mortes no Guamá pode ser interpretado sobre duas hipóteses: a primeira, por causa de o bairro ser historicamente formado por pessoas que utilizam o recurso da violência física em detrimento dos recursos legais, fato associado à ausência do Estado na resolução de conflitos. A segunda, pelo crescente índice de mortes associado a aspectos de comercialização de produtos ilícitos (drogas), fato que assola todas as regiões de periferia do Brasil, favorecendo, assim, o surgimento de grupos armados que ora trabalham em prol da comercialização das drogas, ora contra, denominados de “milícias”.

O Guamá possui, aproximadamente, 94.610 habitantes, tornando-se o bairro mais populoso de Belém, conforme os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2012. Já com relação à infraestrutura, ele apresenta inúmeras linhas de ônibus, proporcionadas pelo amplo sistema de transporte coletivo (legal e clandestino). Possui ainda o segundo maior hospital de pronto-socorrimento do Estado, uma Universidade Federal do Pará-UFPA, um Hospital Escola - João de Barros Barreto, um rico movimento de artes folclóricas e atividades religiosas e culturais.

No entanto, este bairro foi marcado pela ausência de espaços públicos de lazer, possuindo apenas uma praça, na área central onde imperam o abandono e a comercialização de drogas ilícitas (Praça Benedito Monteiro). Segundo os trabalhos de

Gomes (2008, p.01), o Guamá é uma região “Tratada como uma periferia urbana, até os dias de hoje, o bairro possui carência de infraestrutura básica. O bairro não tem praças, não tem espaço de sociabilidade, não tem urbanização”.

O Guamá é evidenciado pelos extremos e pela intensidade dos acontecimentos que o rodeiam. Possui muitos títulos como o bairro de maior quantidade populacional, tem uma reconhecida e grandiosa feira ao ar livre, elevados níveis de ocorrências policiais, grande fluxo de pessoas (ribeirinhos) e de mercadorias originárias, grande parte por causa da sua abertura, do rio que inspirou seu nome.

Neste emaranhado e complexo sistema social presente no Guamá, surge um elevado fluxo de atividades que enaltece a identidade social do guamaense e cria uma rede de sociabilidade com base no local de sua residência. Isso se expressa nas inúmeras atividades folclóricas, culturais, artísticas e esportivas, as quais são vistas no decorrer de todo o ano, mesmo que em locais improvisados.

[...] o bairro do Guamá em Belém do Pará, trata-se de um universo cultural muito rico, um bairro de bastante movimento, com uma sementeira humana que desabrocha todos os dias nas ruas, nas feiras, nas escolas, indo e vindo para o trabalho, se articulando de diversas formas, participando de eventos lúdicos e festas religiosas. Enfim, um espaço específico da urbe, que guarda algumas características que lhe dão singularidade, determinando o nível de identificação de seus moradores com o espaço (DIAS JR, 2009, p. 38).

A imagem do bairro como perigoso faz com que, atualmente, ele vivencie um processo de combate à violência, por meio de ações preventivas (Policia Militar), projetos governamentais (Pro-Paz) e abertura de procedimentos investigativos (Polícia Civil), por inúmeras situações, mas, em especial, pelo que foi conhecido recentemente como ápice da violência, momento em que 09 (nove) ações com morte ocorreram em toda Belém, as quais foram desencadeadas pelo homicídio de um policial militar morador da região. Tal fato elevou o sentimento de insegurança em toda a cidade, tendo sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação. Surgiu a hipótese da existência de um grupo denominado de “milícia” na região, o que gerou uma CPI na ALEPA (Assembleia Legislativa do Pará) por parte dos Deputados Estaduais.

Nove pessoas foram assassinadas na noite desta terça-feira (4) em seis bairros de Belém, informou o secretário de Segurança Pública do Pará, Luiz Fernandes, em entrevista à imprensa nesta quarta-feira (5). Inicialmente, a Polícia Militar havia informado que havia sete mortos. Os crimes ocorreram após o cabo da Polícia Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, 43 anos, ser assassinado a tiros perto da rua onde morava. (O LIBERAL, G1 Pará, 05 nov. 2014, p. 1.)

Ao longo da história do bairro, ele sempre foi definido pelos meios de comunicação, como região de segregação social pelo restante da cidade, criando-se

percepções depreciativas com relação à população residente. Entretanto acreditou-se que essa visão não coaduna com a representação elaborada pelos próprios moradores, mesmo com o elevado registro de atividades ilícitas e significativo aumento das execuções sumárias, as quais cresceram assustadoramente dos anos 2000 em diante (WAISELFISZ, 2012).

Os bairros ditos mais violentos e mais estigmatizados da capital irão receber as ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). “Território de Paz” é o nome do projeto que desembarca tanto no bairro do Guamá, quanto na Terra Firme (DIÁRIO DO PARÁ on-line, 19 out. 2009).

Nos trabalhos de Dias Jr (2009), observou-se que o Guamá se apresenta, apesar das agruras do descaso político, econômico e social, em um turbilhão de manifestações culturais, as quais registram uma identidade forte e particular. As atividades cotidianas do Guamá, acertadamente, apresentam vínculos de sociabilidade coletiva, autoidentificação com o espaço e a construção do sentimento de pertença, que se perpetua em um cenário de extrema contradição, marcado, por um lado, pelo abandono do poder político e, por outro, pela forte identidade construída com base em atividades artísticas, culturais e intensas manifestações religiosas e festivas.

Apesar de uma personalidade forte ligando muitos sujeitos ao bairro, há, por outro lado, uma elaboração constante com relação à representação da violência, aspecto que torna esse problema fato recorrente nas discussões e na vivência dos moradores. Esse aspecto foi que nos levou a escolhê-lo como objeto da presente pesquisa.

Assim, uma melhor elaboração das manifestações da violência e o sentimento de insegurança nessa região periférica foram discorridos sob aspectos teóricos que rodeiam esses temas, para melhor compreensão da realidade em estudo. Falar sobre violência no contexto do Guamá necessita de bases teóricas sólidas, as quais darão suporte à pesquisa.

2.1 DE QUAL VIOLÊNCIA ESTAMOS FALANDO?

Com o advento da sociedade moderna, surgiu a necessidade de serem elaboradas teorias das mais distintas possíveis, sempre tentando melhor compreender questões sobre o convívio em grupo, e de se tentar explicar as características dos eventos sociais. Com tais constructos teóricos, os pesquisadores passaram a elaborar estudos ora se aprofundando em questões específicas de uma região, ora estudando problemas globais, tais como a violência e o sentimento de insegurança, os quais atingem um significativo número de pessoas.

[...] elevados à categoria de um dos mais dramáticos problemas sociais nacionais, os fatos da violência têm tido forte impacto no meio acadêmico. Para além de uma mera preocupação para com a fenomenologia da violência – algo talvez mais afinado com uma perspectiva que se poderia identificar como própria da tradição criminológica (ADORNO, 2002, p. 02).

Compreender a violência na percepção dos moradores do Guamá foi importante para vermos como o mundo social marcado pelo preconceito e exclusão se operacionaliza. Não com a pretensão de esgotar as possibilidades de entendimento conceituais ou empíricas da violência, mas com a intenção de tentar compreender como ela estrutura as vivências num bairro periférico de Belém. Isso se faz necessário porque:

A noção de violência é, por princípio, ambígua; não existe uma única percepção do que seja violência. Ela se manifesta de diversas formas e por isso deve ser analisada a partir das normas, das condições e do contexto social que varia de um período histórico a outro (SOUSA, 2006, p. 03).

Essa perspectiva é também assumida pelos estudos de Misse (2007) e Zaluar (1999), quando os autores relatam a dificuldade de conceituar a violência como um construto único. Na visão do primeiro autor, tem-se que:

Não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. O termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao controle, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social. Assim, a violência pode, ainda, ser classificada como: conflitos sociais e políticos, repressão, terrorismo, guerras civis e tiranias (MISSE, 2007, p. 03).

Zaluar (1999), por sua vez, afirma-nos que:

A dificuldade na definição do que é violência e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde a sua própria etimologia. Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente (ZALUAR, 1999, p. 08).

Apesar da dificuldade de conceituação, a violência pode ser observada como uma prática diversificada presente em nosso convívio social. Estudos de Abramovay (2002) sobre Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina destacam as mais variadas formas de violência, as quais transcendem o modo físico, assumindo, assim, um caráter transversal.

Assim a violência tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado (ABRAMOVAY, 2002, p.27).

Discorrer sobre os principais autores e teorias que englobam a violência em regiões de periferia é uma tarefa pluralista, a qual leva a muitas vertentes analíticas, e esgotar os conteúdos deste campo do saber não é possível aqui. Diante de tal dificuldade, assumimos como referência o conceito elaborado por Minayo e Souza (2003), por acreditar que este é o mais adequado ao estudo. Para estes autores, o termo violência demanda aspectos qualitativos do contexto cultural, pelo fato de que cada pessoa elabora seus pensamentos e manifesta estes processos inseridos em um grupo que comunga a mesma realidade e juízo de valores. Assim, a violência é um fenômeno que permeia todas as classes sociais, devendo o pesquisador estar, portanto, atento as suas peculiaridades e modos de manifestação.

[...] cremos que não são apenas os problemas de natureza econômica, portanto a pobreza, que explicam a violência social, embora saibamos que elas são fruto, causa-efeito, elemento fundamental de uma violência maior que é o próprio modo organizativo-institucional-cultural de determinado povo. Ao escolher os que “são” e os que “não são”, a sociedade revela sua violência fundamental (MINAYO, 1992, p. 262).

Nessa perspectiva, a violência invade todos os lugares, independente de classe social, idade, cor, sexo, escolaridade, entre outras possibilidades. Ao adentrarmos na ciranda da violência, temos que lidar com sentimentos antagônicos de perda, revolta e incompreensão deste fenômeno. Neste aspecto, acreditamos prevalecer a existência inicial dos sentimentos de medo e insegurança e, posteriormente, sobressaindo desejos primitivos de autodefesa e vingança.

O sentimento de medo e insegurança diante do crime exacerbou-se entre os mais distintos grupos e classes sociais, como surgem não poucas sondagens de opinião pública. Trata-se de um problema social que, por um lado, promove ampla mobilização da opinião pública, o que se pode observar por meio das sondagens de opinião, da insistente atenção que lhe é conferida pela mídia impressa e eletrônica e pela multiplicação de fóruns locais, regionais e nacionais (ADORNO, 2002, p. 267).

Estudos de Costa (1995) definem a violência como uma ação destruidora que carrega o símbolo de um desejo. Sendo este de forma voluntária, conscientizada e optativa, ou pode se manifestar de maneira involuntária, não conscientizada e irracional. Dessa forma, tornam-se comuns sentimentos agregados de insegurança e medo.

Segundo Silva (2004), embora a violência urbana seja uma característica geral da configuração social das cidades brasileiras que abrange, portanto, todo o seu território, é mais ou menos consensual que ela afeta mais direta e profundamente as áreas desfavorecidas. Os trabalhos de Dijk (1998) fornecem o indicativo que, de modo geral, os crimes violentos contra a pessoa são *poverty driven* e diminuem com a redução da pobreza,

enquanto os crimes contra a propriedade são em grande parte *opportunity driven* e aumentam com o decréscimo da pobreza.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras conseqüências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e a criminalidade (BUORO, 1999, p.22).

Aliada a essa equivocada vertente, surge o contexto de que a desestruturação financeira (pobreza) é uma condição que favorece condutas tipificadas como atos delituosos. O irônico desta colocação é o fato de que, teoricamente, este tema já fora superado, entretanto, ainda hoje, faz-se recorrente a associação da violência às condições socioeconômicas de uma determinada classe.

[...] violência e desigualdade social. A tese que sustentava relações de causalidade entre pobreza, delinquência e violência está hoje bastante contestada em inúmeros estudos. No entanto, não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal. Mapas da violência, realizados para algumas capitais brasileiras, na década passada, indicavam que as taxas de homicídios eram sempre e flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infraestrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura (ADORNO, 2002, p. 09).

Hoje, podemos compreender a violência das mais variáveis formas possíveis, sabemos que ações delituosas transcendem grupos socioeconômicos de forma vertical, entretanto refletimos sobre a existência de predominâncias criminais que surgem dependendo do grupo ou da classe social em que esteja inserida, bem como o local onde esteja frequentando. Não implica uma ação mandatória de causa e efeito, uma “lei da física” imutável, o que entendemos é o fato da predominância existente.

[...] a criminalidade organizada se disseminou pela sociedade alcançando atividades econômicas muito além dos tradicionais crimes contra o patrimônio, aumentando as taxas de homicídios, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos, e desorganizando modos de vida social e padrões de sociabilidade inter e entre classes sociais. (ADORNO; SALLA, 2007, p. 10).

Além do entendimento assim descrito, destaca-se o fato de, culturalmente, as representações da violência se mostrarem similares a determinados grupos, mas distinguem quando a variável se refere a classes sociais. Grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade ou socialmente pertencentes a classes desfavorecidas percebem mais a violência e os sentimentos decorrentes dela, pois “O medo está associado com a

permanente ameaça de violência física. Venha de onde e de quem vier, a violência constitui código normativo de comportamento” (ADORNO; SALLA, 2007, p. 16).

Neste entendimento, a violência manifesta-se como um fenômeno social com crescimento constante, o qual está adentrando em todos os locais. A reflexão sobre o motivo dessa evidente expansão desperta para a possibilidade de tratarmos este fenômeno como complexo e antagônico, surgindo, assim, a necessidade de atitudes para além da descrição que considere as causas e as consequências. É preciso evidenciar os mecanismos históricos, sociais, políticos e culturais que se coadunam, formando aquilo que denominamos de violência.

2.2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa teve como foco dois momentos, de coleta e análise de dados: o primeiro período baseou-se na aplicação de um questionário semiaberto, cujo resultado passou por um tratamento estatístico, com elaboração de tabelas e gráficos, dados estes pertinentes à elaboração de um perfil socioeconômico da população do bairro do Guamá (área de periferia onde ocorreu a coleta de dados), bem como na compreensão, de forma amostral (quantitativa), de como esses moradores representam essa região, se segura ou insegura, e em quais situações prevalecem esses sentimentos. Por meio deste entendimento metodológico, também se buscou analisar um segundo quesito, como a população do Guamá convive com as situações de violência e o sentimento de insegurança em seu cotidiano, abrangendo a percepção dos moradores sobre a atividade policial na área. Para tanto, considerou-se um erro amostral de 10% para a coleta de dados.

O segundo período baseou-se na aplicação de uma entrevista semiestruturada com (08) oito líderes comunitários do bairro, por acreditar que estes possam representar, qualitativamente, os conteúdos compartilhados nesta região, sobre o fenômeno estudado. Os resultados obtiveram um tratamento metodológico qualitativo de análise de conteúdo, dados estes pertinentes à compreensão do construto das Representações Sociais, em duas categorias (Objetivações e Ancoragem), sobre a violência e quais as estratégias de enfrentamento de tal situação. Também se buscou compreender um segundo quesito, a população do Guamá, representada por líderes comunitários, identifica o bairro por meio de imagens positivas ou negativas.

2.3 RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÕES

2.3.1 DADOS QUANTITATIVOS

Com base nos dados coletados e no referido tratamento estatístico, realizou-se uma análise em três níveis: o primeiro, buscando conteúdos para compreensão do fenômeno estudado vinculados a aspectos da violência; o segundo, visando identificar padrões de comportamento diante desses atos, e o terceiro e último nível de análise foi vinculado a aspectos de valoração do bairro do Guamá e da atividade policial.

1º Nível de Análise: Identificação de aspectos comuns do público entrevistado, vinculados à representação de violência no bairro do Guamá e na cidade de Belém.

A maior parte dos moradores vincula os aspectos da violência a questões de agressões físicas e morais (30,90%), seguido de práticas de roubo (24,37%) e mortes (16,27%), (Tabela 1).

Tabela 1: Percentual de moradores do bairro Guamá entrevistados por gênero e descrição do significado de violência, 2015.

O que é Violência	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Física/Moral	12,20	18,70	30,90
Roubo	4,88	19,49	24,37
Mortes	4,07	12,20	16,27
Droga	2,44	4,07	6,51
Maldade	4,07	-	4,07
Estupro	0,81	3,25	4,06
Verbal	0,81	2,44	3,25
Outros	4,07	6,50	10,57
Total	33,35	66,65	100,00

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

Verificou-se que 74,36% consideram o Guamá um bairro violento, (Tabela 2).

Tabela 2: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e se consideram o Guamá violento, 2015.

Guamá é Violento	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	29,49	44,87	74,36
Não	7,69	17,95	25,64
Total	37,18	62,82	100,00

A maioria dos entrevistados considera o Guamá violento pelo número de ocorrências de Roubo (50,69%), seguido por (14,66%) Mortes (Tabela 3).

Tabela 3: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e motivo do Guamá ser violento, 2015.

Motivo de ser Violento	Gênero		Total
	Femininc	Masculinc	
Roubo	22,67	28,02	50,69
Morte	1,33	13,33	14,66
Drogas	1,33	12,00	13,33
Falta de Educação	4,00	1,33	5,33
Falta de Policiamento	1,33	1,33	2,66
Outros	-	13,33	13,33
Total	30,66	69,34	100,00

Nota: A Categoria com "-" não foi Citada.

2º Nível de Análise: Identificação de aspectos comportamentais, vinculados à representação de violência no bairro do Guamá e na cidade de Belém.

A situação que os moradores do Guamá consideram mais insegura é estando na rua (41,00%), seguido de sair à noite com (20,00 %), (Tabela 4).

Tabela 4: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e situação de insegurança/medo, decorrente de sua prática diária, 2015.

Situação de Insegurança/Mec	Gênero		Total
	Femininc	Masculinc	
Rua	21,00	20,00	41,00
Sair Noite	6,00	14,00	20,00
Outros	0,00	13,00	13,00
Geral	3,00	4,00	7,00
Ir Banco	4,00	3,00	7,00
Ônibus/Farmácia	1,00	4,00	5,00
Rua/Praça	2,00	0,00	2,00
Ambiente Desconhecido	1,00	1,00	2,00
Festas	1,00	1,00	2,00
Dia a Dia	1,00	0,00	1,00
Total	40,00	60,00	100,00

O local mais seguro para os entrevistados é a residência/casa (55,%), seguido da igreja, com (16 %), (Tabela 5).

Tabela 5: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e local de maior segurança, decorrente de sua prática diária, 2015.

Local	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Residência/Casa	25,00	30,00	55,00
Igreja	4,00	12,00	16,00
Com Familiares	6,00	2,00	8,00
Outros	1,00	7,00	8,00
Amigos	2,00	5,00	7,00
Presença Policial	2,00	1,00	3,00
Rua	-	2,00	2,00
Trabalho	-	1,00	1,00
Total	40,00	60,00	100,0

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

43,00% fogem em situações de violência (Tabela 6).

Tabela 6: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e reação a situações de violência, decorrente de sua prática diária, 2015.

Reação	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Foge	22,00	21,00	43,00
Aciona a Polícia	11,00	11,00	22,00
Recorre a Meios Legais	0,00	9,00	9,00
Enfrenta Força Física	1,00	7,00	8,00
Enfrenta com Diálogo	1,00	7,00	8,00
Pede Ajuda a Parentes	3,00	2,00	5,00
Pede Ajuda a Amigos	1,00	2,00	3,00
Outros	1,00	1,00	2,00
Total	40,00	60,00	100,0

Percebe-se que a maioria dos moradores deixa de fazer algo em consequência da violência (70,00%) (Tabela 7).

Tabela 7: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e deixar de fazer algo devido a violência, 2015.

Deixa de Fazer Algo	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	21,00	49,00	70,00
Não	19,00	11,00	30,00
Total	40,00	60,00	100,0

50% deixam de sair de casa e (38,57%) de ir a locais para lazer, devido à violência (Tabela 8).

Tabela 8: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e o que deixa de fazer devido à violência, 2015.

O que Deixa de Fazer	Gênero		Total
	Feminin	Masculin	
Sair de Casa	17,14	32,86	50,00
Lazer	11,43	27,14	38,57
Usar Bens de Valor	1,43	7,14	8,57
Outros	-	2,86	2,86
Total	30,00	70,00	100,00

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

65% consideram a violência normal atualmente (Tabela 9).

Tabela 9: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e considera a violência normal atualmente, 2015.

Violência é Normal	Gênero		Total
	Feminin	Masculin	
Sim	22,00	43,00	65,00
Não	18,00	17,00	35,00
Total	40,00	60,00	100,00

3º Nível de Análise: Identificação de aspectos de valoração do bairro do Guamá e da atividade policial.

96% se identificam e gostam/ morar no Guamá (Tabela 10).

Tabela 10: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e identificação/gostar do bairro, 2015.

Identific	Gênero		Total
	Femininc	Masculinc	
Sim	40,00	56,00	96,00
Não	-	4,00	4,00
Total	40,00	60,00	100,00

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

82%, não têm vontade de morar em outro bairro (Tabela 11).

Tabela 11: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e se sentem vontade de morar em outro bairro, 2015.

Vontade de Morar em Outro Bairro	Gênero		Total
	Femininc	Masculinc	
Não	33,00	49,00	82,00
Sim	7,00	11,00	18,00
Total	40,00	60,00	100,00

A maioria dos moradores deste bairro possuem orgulho de morar no Guamá (54%), seguido por nenhum sentimento (33%), (Tabela 12).

Tabela 12: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e sentimento de morar no Guamá, 2015.

Sentimento	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Orgulhoso	19,00	35,00	54,00
Nenhum	16,00	17,00	33,00
Outros	4,00	3,00	7,00
Vergonha	1,00	5,00	6,00
Total	40,00	60,00	100,00

39% consideram a polícia necessária, seguido de (28%) dos que consideram a polícia corrupta (17%) (Tabela 13).

Tabela 13: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e percepção da polícia, 2015.

Percepção da Polícia	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Necessária	15,00	24,00	39,00
Corrupta	11,00	17,00	28,00
Violenta	10,00	8,00	18,00
Justa	2,00	4,00	6,00
Outros	1,00	5,00	6,00
Desnecessária	1,00	2,00	3,00
Total	40,00	60,00	100,00

2.3.1.1 COMPREENSÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS

Os dados coletados foram agrupados em três níveis, para melhor compreensão do fenômeno estudado:

No primeiro nível, buscou-se a identificação de aspectos comuns do público entrevistado, voltados à representação da violência. Foi evidenciado que a maior parte dos moradores do Guamá vincula os aspectos da violência a questões de agressões físicas e morais (30,90%), seguido de práticas de roubo (24,37%) e mortes (16,27%), (Tabela 1). Do total de entrevistados (74,36%), consideram o Guamá um bairro violento, (Tabela 2) tendo como motivo o número de ocorrências de roubo (50,69%), seguido por (14,66%) de mortes (Tabela 3).

No segundo nível, buscou-se a percepção de segurança, insegurança e identificação das condutas de enfrentamento escolhidas, vinculada à representação da violência. A situação que os moradores do Guamá consideram mais insegura é estando na rua (41,00%), seguido de sair à noite, com (20,00%), (Tabela 4), e o local mais seguro foi a residência/casa (55,00%), seguido da igreja, com (16,00%), (Tabela 5). Sendo que (43,00%) fogem em situações de violência, (Tabela 6). A maioria dos moradores deixa de fazer algo em consequência da violência (70,00%) (Tabela 7) e, deste público específico, (50,00%) deixam de sair de casa e (38,57%) de ir a locais para lazer devido à violência (Tabela 8). Também assumiu destaque o fato de (65,00%) a população acreditar que a violência é normal atualmente (Tabela 9).

O terceiro nível está voltado à identificação de aspectos de valoração do bairro do Guamá e da atividade policial. Da população do Guamá, (96,00%) se identificam e gostam de morar no Guamá (Tabela 10), (82,00%) não têm vontade de morar em outro bairro (Tabela 11), e (54,00%) possuem orgulho de morar no Guamá, seguido por nenhum sentimento (33,00%), (Tabela 12). Vinculados ainda à imagem sobre a atuação policial, (39,00%) consideram a polícia necessária; seguido de (28,00%), corrupta; e (17,00%), violenta (Tabela 13).

2.3. 2 DADOS QUALITATIVOS

Visando analisar as Representações Sociais da violência e os sentimentos de insegurança vivenciados por moradores do bairro do Guamá, região periférica da cidade de Belém, foram entrevistados 08 (oito) líderes comunitários, tendo sido elaborado um roteiro de entrevista contendo duas categorias que compõem o universo das Representações Sociais: A primeira categoria, denominada de Ancoragem, possui 04 (quatro) níveis de perguntas sobre violência e problemas existentes no bairro. A segunda categoria, Objetivação, visa ao construto de elaboração acerca da imagem sobre o fenômeno violência e a valoração do bairro do Guamá.

Vislumbrando uma rápida e melhor compreensão dos dados alcançados, buscou-se, de forma didática, a construção de um mapa (Figura 5) das associações de ideias e representações sobre violência presentes nos discursos dos líderes comunitários, seguido de compreensão e análise descritiva do fato.

Figura 1: Quadro descritivo das representações sociais da violência e percepção da região, no discurso dos líderes comunitários do bairro do Guamá, 2015.

<i>Violência</i>	<i>Explicação</i>	<i>Ancoragem</i>		<i>Objetivação</i>	
		<i>Percebe</i>	<i>Problemas/Bairro</i>	<i>Imagem</i>	<i>Ideia Guamá</i>
Roubo/tiro	Desestrutura familiar	Drogas armas e trânsito	Falta de espaço público/ esporte e policiamento	“Pessoas sendo atiradas, roubadas, atropeladas”.	Negativa
Contato físico e verbal	Ato de criminalidade	Agressões físicas e verbais	“Assaltos constantes, tráfico de drogas e homicídios”.	“agressão. física ou verbal, ate mesmo covardemente com armas letais”.	Positiva pela infraestrutura e facilidades
Insegurança em âmbito geral	Falta de humanização	Pela TV rua e trabalho	Falta de segurança; saneamento básico e projetos culturais etc...”.	Pessoas agredidas de forma física, verbal e morte.	Positiva facilidades negativa falta policiamento
É ferir a moral, discriminar por palavras, gestos e fisicamente.	De origem espiritual/não tem jeito	Pela TV redes sociais desnecessário.	Problemas de saúde, escola e segurança em terceiro lugar.	“Guerras, confronto da policia com bandido, confronto armado”.	Positiva apesar das diversidades
Morte	Devido a meios comunicação	Nas ruas e vendo TV	Falta de água, macrodrenagem, lixeira e iluminação pública	“Morte, muito sangue, uma pessoa com arma roubando”	Negativa violência
Agressão verbal físico e psicológico	Falta de paciência e meio de se expressar	Presente em todos tempos	“Falta de saúde, cultura, área de esporte e laser”	Gente esquarterada, corpos desovados, sangue”.	Positivo – solidariedade
Legalidade	Ato ilegal arbitrário	Desnecessária	Assalto e trafico de drogas	“Um menor com arma na mão”	Positiva devido infra estrutura facilidades negativa violência drogas
Cerceamento de direitos/ insegurança	Falta de educação familiar	Em todas as partes	Segurança está boa mais ainda não alcançou o ideal, nos favoreça andar tranquilo.	A perda da vida.	Positiva infra estrutura

2.3.2.1 COMPREENSÃO DOS DADOS QUALITATIVOS

Neste segundo momento, o termo violência pode ser descrito pelas características específicas que nos remetem a questões voltadas a aspectos físicos e abstratos, sendo a violência caracterizada como “Quando há contato físico ou verbal”; “Ato de agressão verbal, físico e psicológico”. Esta concepção ficou dividida, pois metade dos entrevistados assumiu relatos pautados em ideologias que ancoram suas ideias em aspectos físicos, enquanto a outra metade pautou-se em características abstratas, referentes a questões éticas, morais e psicológicas.

As Representações Sociais que perpassam o fenômeno violência e sua forma de compreendê-la podem estar ligadas diretamente aos aspectos socioculturais existentes em uma região. No Guamá, fica claro que o conceito de violência é pautado na descrição de condutas que atingem diretamente os moradores.

Violência é a parcial ou total falta de segurança sendo ela no âmbito social, como ruas, escolas, bairro, cidades etc. No âmbito familiar e no âmbito psicológico, ou seja, a violência pode ocorrer em diversos lugares ou situações.

Ancoragem implica o ato de justificar um fenômeno que é socialmente construído no corpo de um contexto social, é a forma de justificar assumindo uma ideologia presente, mesmo que não reconhecida. Neste contexto, verificou-se que o construto violência está vinculado a questões de caráter pluralista, pois “Ela vem de várias formas. É ferir a moral de alguém, discriminar socialmente, por meio de palavras, gestos, agressões físicas e morte”.

Toma destaque, nesta pesquisa, o fato de os entrevistados justificarem a existência deste fenômeno social (violência), por meio de inúmeros fatores, tais como: a desestruturação familiar: “Muitas famílias desestruturadas, os filhos tomam conta de suas vidas”, “A violência se dá pela falta de uma educação familiar, hoje percebemos que a lei está tirando as atribuições de pais, dentre ele, a de corrigi-lo”; como um ato antijurídico, “onde o criminoso deve ser punido severamente, seja qual for o crime”; pela ausência da concepção filosófica humanista, “A falta de humanização das pessoas”; de uma visão religiosa cristã, “Ela vem desde o início das gerações, desde o homicídio de Caim que matou Abel, não tem jeito, é uma coisa de origem espiritual, ela vem do mal”. Pautados em um discurso técnico, político, “Devido os meios de comunicação divulgarem em exagero, e os políticos embolsam, roubam tudo”.

Desvendar o universo consensual da elaboração das Representações Sociais em um contexto específico, como, no caso, em uma região de periferia, perpassa por superar o objetivo compartilhado socialmente, em que ideologias interagem em seu contexto influenciando e sendo influenciadas. Assim, podemos evidenciar que a violência no Guamá é percebida pautada em fenômenos que os moradores vivenciam em seu espaço diário, “Quando estou nas ruas e vendo televisão”. Têm relevância ações em que os moradores, no geral, são potencialmente atingidos, renegando aspectos que, inicialmente, julgaríamos de extrema relevância. “A violência está na esquina da minha rua, em frente do meu conjunto, nas praças, enfim, ela se faz presente em todas as partes, desde a fila de um banco até o trajeto no ônibus para minha residência”.

O Guamá foi observado como possuidor de inúmeros problemas, tendo por destaque questões de saúde, segurança e lazer. “Diversos são os problemas existentes no bairro, alguns deles são: falta de segurança, falta de saneamento básico, falta de projetos culturais etc.” Também se destacaram outros aspectos divergentes com segurança pública, tais como: “Local público para prática de esporte”; “Falta de saúde, cultura, área de esporte e lazer”, “Falta de água, macrodrenagem, lixeira e iluminação pública” e “Problemas de saúde, escola e segurança em terceiro lugar”. Apenas dois entrevistados citaram questões

específicas à criminalidade, “Assalto e tráfico de drogas”. Apenas um líder comunitário relacionou ao fator morte, “Assaltos constantes, tráfico de drogas e homicídios”.

A segunda categoria estudada no universo das representações sociais trata da Objetivação, a qual visa ao construto de elaboração da imagem sobre o fenômeno violência, criada por moradores do bairro do Guamá. Esta elaboração cognitiva pode confirmar a forma de entendimento deste construto social que atinge estes moradores. Neste tópico, também se buscou compreender como os moradores do Guamá, representados por líderes comunitários, elaboram uma imagem sobre a região, se positiva ou negativa, mesmo com os problemas existentes.

Adentrando nos quesitos vinculados à análise das imagens objetivadas acerca do fenômeno violência, percebemos que as imagens construídas referem-se a atos de extrema violência física e mortes, “Pessoas sendo atiradas, roubadas, atropeladas”; “De uma pessoa sendo agredida por outras. Seja ela fisicamente ou verbalmente, até mesmo covardemente com armas letais”; “É muito difícil explicar o que é a violência, porém a primeira imagem que me vem à mente são pessoas sendo agredidas de forma física, verbal e morte. A morte e violência são sinônimos”; “Guerras, confronto da polícia com bandido, confronto armado”; “Morte, muito sangue, uma pessoa com arma roubando”; “Só vêm coisas podres. Gente esquartejada, corpos desovados, sangue”; “Um menor com arma na mão”; “A perda da vida. Nos meus filhos saindo para o trabalho, para estudar e não lhe são dado todas as garantias de retorno a minha casa são e salvos”.

Podemos identificar que, quando os participantes elaboraram imagens sobre os aspectos de violência, ocorreu uma tendência à construção de imagens voltadas a atos físicos e com questões pertinentes à morte, a sangue. Atos de roubo tornam-se pano de fundo, inversamente às questões evidenciadas anteriormente. Corroborando a ideia de que o discurso racional ideológico é permeado de freios inibitórios, enquanto a elaboração lúdica de imagens mentais pode estar recebendo uma influência maior das imagens oriundas dos meios de divulgação de atos de violência, toma destaque, aqui, os meios televisivos, que divulgam imagens sobre esse fenômeno que podem estar sendo reproduzidas com mais fidelidade que os discursos pertinentes ao fato.

Sobre a elaboração de uma imagem positiva ou negativa a respeito do bairro, as respostas dos líderes comunitários foram bastante diversificadas, entretanto a sua maioria, 06 (seis) de 08 (oito) entrevistados, observa o Guamá por meio de uma imagem positiva, apenas 02 (dois) observaram com uma imagem negativa. Os motivos de justificação também foram similares entre eles. “Por falta de espaço cultural e de esporte no Guamá e

falta de policiamento é negativo”; “Imagem negativa, assalto e violência”. Os aspectos positivos estão vinculados a questões de ajuda entre os moradores, “é o único bairro em que as pessoas se ajudam”, e a facilidade de acesso à escola, feira, entre outros: “Apesar de ser subúrbio e das adversidades, eu considero o Guamá um bairro bom. Aspectos positivos são eles: UFPA, SACI; portos; temos a feira e o mercado municipal, ambos com uma diversidade enorme em alimentos”.

2.4 CONCLUSÃO

No aspecto geral, a população do Guamá representa a violência pelos atos físicos (Tabela 1), tendo por base suas experiências diárias de vida, a qual, em sua maior parte, já presenciou ato de violência vinculado à prática de roubo ou já foi vítima dele. O Guamá, neste contexto, é percebido, por parte de seus moradores, como um local violento (Tabela 2), tendo como motivo o número de ocorrências de roubo (50,69%), seguido por (14,66%) de mortes (Tabela 3). Fato este que está afetando alguns costumes de seus moradores, que se sentem inseguros em locais públicos (Tabela 4); poucos possuem o sentimento de segurança na presença de policiais (Tabela 5) e possuem uma representatividade negativa desta profissão.

No que se refere a imagens elaboradas sobre o tema violência, este tópico atinge outra dimensão, saindo do discurso ancorado pela prática de roubo para imagens objetivadas de atos vinculados à “perda de vida”; ‘pessoas sendo agredidas, atiradas’, “morte, muito sangue, pessoa com arma”, “guerra, confronto entre polícia e bandido”.

Surgem dados antagônicos nesta pesquisa, os quais necessitam de novos estudos para sua melhor compreensão, pois, apesar de todos os fatos acima descritos, a população estudada, em quase sua totalidade, não tem desejo de morar em outro bairro (Tabela 11), ostenta um sentimento de orgulho por morar no Guamá (Tabela 12) e possui, ainda, uma imagem positiva da área.

2.5 REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea**. In Miceli, Sérgio (org) O que ler na Ciência Social brasileira (1970-2002). São Paulo: Sumaré/Anpocs, 2002, Volume 4.

_____. **Crime e Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea**. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junho, p. 7-8, 2002.

ADORNO, Sérgio e SALLA, Fernando. **Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC.** *Estud. av.* [online]. 2007, vol.21, n.61, pp. 7-29. ISSN 0103-4014.

ABROMAVAY, Miriam. **Juventude valência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. In: **A miséria do mundo.** Vozes, 2011.

BUORO, André; SCHLLIMG, Flávia; SINGER, Helena, SOARES, Marina; Loconte, Wanderlei (Coord.). **Violência Urbana: Dilemas e desafios.** São Paulo. Editora atual, 1999.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. **Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém.** Boletim Amazônico de Geografia, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Graal, 1995.

Da MATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

Diário do Pará on-line, 19 de outubro 2009. Consultado no dia 16/03/2015 <http://diariodopara.diarioonline.com.br>.

DIAS JUNIOR, José do E. S. **Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém.** 2009. 161p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém-Pará.

GOMES. Armando Wagner Sidonio. **Guamá e os movimentos de luta social.** A comunidade do bairro do Guamá, Resistência Guamazônica. Fórum Social Mundial, Belém (PA). FSM 2008. Disponível em <http://www.istoeamazonia.com.br>. Acesso em 25/03/2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aglomerados Subnormais: primeiros resultados. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br / home / estatistica / população/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm). Acessado em 12 mar. 2014

JAN J.M. van Dijk. **Determinants of crime.** In Kristiina Kangaspunta, Matt Jousten, and Natalia Ollus, editors, Crime and criminal justice in Europe and North America 1990-1994, volume 32, pages 32{53. European Institute for Crime Prevention and Control (HEUNI), 1998.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde.** In: SPÍNOLA, A. W. P. et al. (Coords.). Pesquisa Social em Saúde. São Paulo: Cortez, 1992.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. (Orgs.). **Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial.** Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MISSE, Michel. **Violência: o que foi que aconteceu?** (2007). Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos.pdf>, Acesso em: 12/03/2015 10:00h.

O LIBERAL, G1 Pará, 05 nov. 2014, p. 1. Consultado no dia 16/03/2015/ portal G1/Globo. <http://g1.globo.com/para/noticia/2014>.

PALHANO, Silva; SILVA, Adriane; PASSOS, Patrick. **Entre ribeirinhos, trabalhadores braçais e comerciantes: o portal da Amazônia e o trapiche do Porto da Palha da orla de Belém.** ISSN 2177-3092. 33º Encontro Anual da Anpocs, GT 2: a Metrópole e a Questão Social, 2009.

SILVA, Luiz Antônio Machado. Sociabilidade violenta: **por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p.53-84, jan/jun.2004.

SOUSA, M. D. **Juventude e Violência: algumas reflexões sobre as formas de violência na escola.** In: IV Encontro de Pesquisa em educação da UFPI, 2006, Teresina. www.ufpi.br. Teresina: EDUFPI, 2006. v. 01. p. 103-115.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: Homicídio de Mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: CEBELA/FLACSO, 2012.

WACQUANT, Loïc. **Rumo à militarização da marginalização urbana.** In Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade, ano 1, nº 15 e 16. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

WIEVIORKA, Michel. **Violência hoje.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2006, vol.11, suppl., pp. 1147-1153. ISSN 1678-4561.

ZALUAR, Alba. **Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização.** *São Paulo Perspec.* [online]. 1999, vol.13, n.3, pp. 3-17. ISSN 0102-8839.

CAPÍTULO 3 – OUTROS DADOS COLETADOS NA PESQUISA

Com base nos dados coletados e no referido tratamento estatístico, realizou-se uma análise em três níveis. Os dois primeiros níveis visaram a aspectos socioeconômicos. Esses aspectos foram autodeclarados respeitando a forma como os sujeitos se autoidentificam. Os dados deste nível serviram como elemento de descrição do perfil do público pesquisado e como critério de exclusão de algumas entrevistas, conforme descrito na metodologia. No terceiro nível, identificaram-se conteúdos para aprofundamento da compreensão do fenômeno estudado, vinculado a aspectos da violência, e trabalhados como parte do artigo dos dados quantitativos do capítulo dois.

1º Nível de Análise: Identificação de aspectos comuns do público entrevistado;

Percebe-se que a maioria dos entrevistados é do sexo masculino (60,00%), (Figura 2).

Figura 2: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero, 2015.



A maioria dos entrevistados está na faixa etária de 31 a 35 anos de idade (17,00%), seguida dos que estão na faixa etária de 21 a 25 anos (15,00%), (Tabela 14).

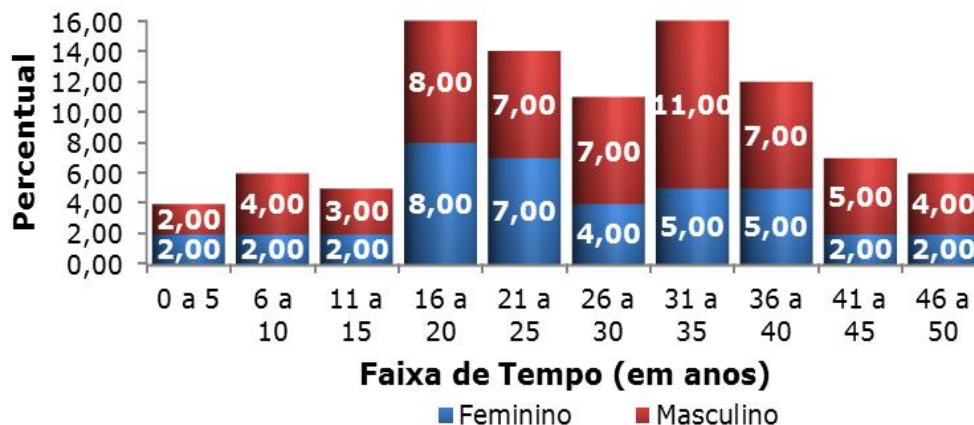
Tabela 14: Percentual de moradores do Guamá entrevistados do Guamá por gênero e faixa etária (em anos), 2015.

Faixa Etária	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
11 a 15	0,00	1,00	1,00
16 a 20	4,00	7,00	11,00
21 a 25	7,00	8,00	15,00
26 a 30	5,00	8,00	13,00
31 a 35	6,00	11,00	17,00
36 a 40	4,00	5,00	9,00
41 a 45	5,00	6,00	11,00
46 a 50	2,00	7,00	9,00
51 a 55	2,00	3,00	5,00
56 a 60	1,00	0,00	1,00

Nota: Foram Selecionados as 10 (Dez) Categorias com Maiores Percentuais.

A maior parte reside no Guamá, na faixa de 16 a 20 anos e de 31 a 35 anos, ambos com (16,00%), seguida dos que residem de 21 a 25 anos (14,00%), (Figura 3).

Figura 3: Percentual de moradores do Guamá por gênero e faixa de tempo que reside no bairro (foram selecionadas as dez categorias com maiores percentuais), 2015.



A maior parte possui o ensino médio completo (48,00%), seguida dos que possuem o ensino fundamental completo (22,00%), (Tabela 15).

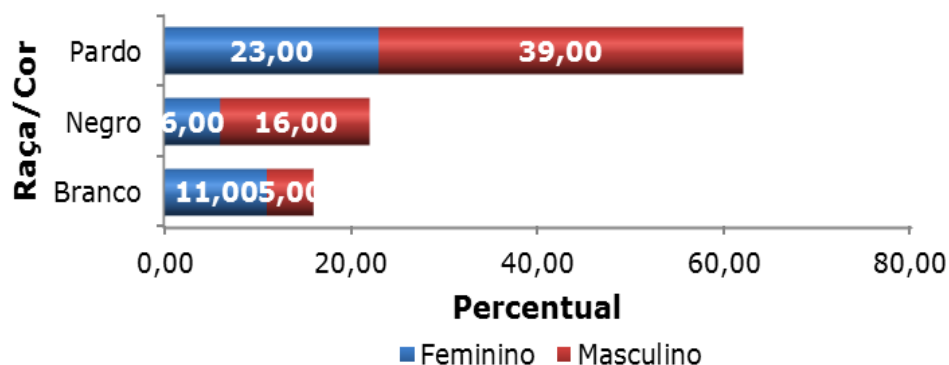
Tabela15: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e grau de escolaridade, 2015.

Grau de Escolaridade	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
S.E.	0,00	1,00	1,00
E.F.I.	3,00	5,00	8,00
E.F.C.	10,00	12,00	22,00
E.M.C.	22,00	26,00	48,00
E.S.C.	5,00	16,00	21,00
Total	40,00	60,00	100,00

Nota: S.E.: Sem Escolaridade; E.F.I.: Ensino Fundamental Incompleto; E.F.C.: Ensino Fundamental Completo; E.M.C.: Ensino Médio Completo; E.S.C.: Ensino Superior Completo.

A maioria é parda (62,00%), destes, 39,00% do sexo masculino (Figura 4).

Figura4: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e raça/cor, 2015.



2º Nível de Análise: Perfil socioeconômico comum do público entrevistado;

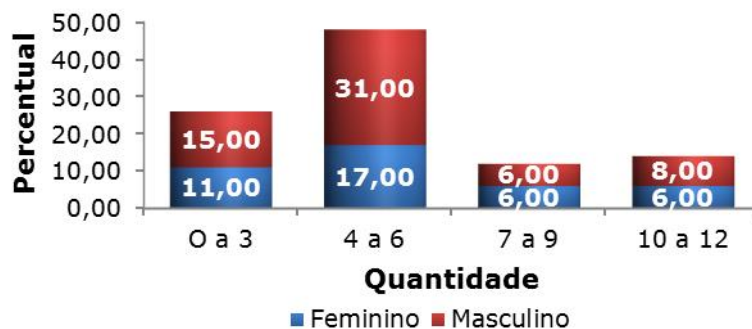
A maior parte dos entrevistados possui renda familiar até R\$ 1.000,00 reais (45,46%), seguida dos que possuem renda familiar até R\$ 2.000,00 reais (33,33%), (Tabela 16).

Tabela 16: Percentual dos moradores do Guamá entrevistados, por gênero e renda familiar, 2015.

Renda Familiar	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
1000	14,14	31,32	45,46
2000	19,19	14,14	33,33
3000	3,03	5,05	8,08
4000	1,01	1,01	2,02
> R\$ 4.000,00	3,03	8,08	11,11
Total	40,40	59,60	100,00

Na maioria das residências, moram de 4 a 6 pessoas (48,00%), sendo que em (14,00%) residem entre 10 a 12 pessoas, (Figura 5).

Figura 5: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e quantidade de pessoas residentes na casa, 2015.



Dos entrevistados, (69%) moram em casa própria, (20%) pagam aluguel, (Tabela 17)

Tabela 17: Percentual de moradores do Guamá entrevistados por gênero e tipo de propriedade, 2015.

Tipo de Propriedade	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Própria	26,00	43,00	69,00
Alugada	6,00	14,00	20,00
Cedida	7,00	3,00	10,00
Outros	1,00	-	1,00
Total	40,00	60,00	100,00

Nota: A categoria com "-" não foi Citada.

A maioria dos moradores participa ou já participou de eventos culturais e esportivos no Guamá (56,00%), destes, 39,00% são do sexo masculino (Tabela 18).

Tabela 18: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e participação em atividades culturais e esportivas, 2015.

Eventos	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Culturais e Esportivos	17,00	39,00	56,00
Não Participa	23,00	21,00	44,00
Total	40,00	60,00	100,00

A maioria dos moradores obtém informações de violência por programas de Televisão (66,66%), seguido pelo Whatsapp, com (13,01%), (Tabela 19).

Tabela 19: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e meios de informação de violência, 2015.

Conhecimento de Violência	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
TV	30,08	36,58	66,66
Whatsapp	2,44	10,57	13,01
Amigos	3,25	4,07	7,32
Jornal Impresso	4,07	3,25	7,32
Rádio	2,44	0,81	3,25
Internet	1,63	0,00	1,63
Outros	-	0,81	0,81
Total	43,91	56,09	100,00

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

3º Nível de Análise: Dados de Aprofundamento do Fenômeno Estudado;

Dos moradores, (68,00%) consideram o Guamá um bairro perigoso (Tabela 20).

Tabela 20: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se considera o Guamá perigoso, 2015.

Guamá Perigoso	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	31,00	37,00	68,00
Não	9,00	23,00	32,00
Total	40,00	60,00	100,00

Dos moradores que consideram o Guamá perigoso, (36,78%) possuem esta concepção devido às ocorrências de Roubo (Tabela 21).

Tabela 21: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e motivo do Guamá ser perigoso, 2015.

Situação	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	16,18	20,60	36,78
Outros	1,47	14,71	16,18
Rua	7,35	2,94	10,29
Drogas	2,94	5,88	8,82
Morte	1,47	7,35	8,82
Inseguro	4,41	2,94	7,35
Festas	4,41	1,47	5,88
Sem Policiamento	4,41	1,47	5,88
Total	42,64	57,36	100,00

Dos moradores, (72%) relataram que Belém também é perigosa (Tabela 22).

Tabela 22: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se consideram Belém perigosa, 2015.

Belém é Perigosa	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	29,00	43,00	72,00
Não	11,00	17,00	28,00
Total	40,00	60,00	100,00

Dos moradores (29,16%) consideram Belém perigosa por Roubo (Tabela 23).

Tabela 23: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e situação que considera Belém perigosa, 2015.

Situação	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	9,72	19,44	29,16
Rua	6,94	4,17	11,11
Inseguro	2,78	5,56	8,34
Festas	5,56	1,39	6,95
Sem Policiamento	5,56	1,39	6,95
Morte	1,39	2,78	4,17
Drogas	0,00	2,78	2,78
Outros	8,33	22,21	30,54
Total	40,28	59,72	100,00

Dos moradores, (49,22%) consideram a violência normal em razão de ser comum/em alta frequência, destes, (41,53%) são do sexo masculino (Tabela 24).

Tabela 24: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e motivo que considera a violência normal atualmente, 2015.

Motivo	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Está Comum/Alta Frequência	7,69	41,53	49,22
Outros	3,08	13,85	16,93
Falta Segurança	9,23	6,15	15,38
Educação	6,15	0,00	6,15
Desestrutura Familiar	3,08	1,54	4,62
Desemprego	1,54	1,54	3,08
Falha Atuação Policial	1,54	1,54	3,08
Baixa Valorização Policial	1,54	0,00	1,54
Total	33,85	66,15	100,00

Cerca de (63,75%) dos moradores já presenciaram atos de Roubo, seguidos de (25%) de ações com fator morte (Tabela 25).

Tabela 25: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência que presenciou 2015.

O que Presenciou	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	32,50	31,25	63,75
Morte	1,25	23,75	25,00
Roubo e Drogas	1,25	3,75	5,00
Tiro	1,25	2,50	3,75
Brigas	1,25	1,25	2,50
Total	37,50	62,50	100,00

A maioria dos moradores já foi vítima de violência (53%), (Tabela 26).

Tabela 26: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e se já foi vítima de violência, 2015.

Vítima de Violência	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	16,00	37,00	53,00
Não	24,00	23,00	47,00
Total	40,00	60,00	100,00

Dos moradores que relataram ter sido vítima de violência, (84,91%) já foram vítimas de Roubo (Tabela 27).

Tabela 27: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência sofrida, 2015.

Tipo de Violência	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	24,53	60,38	84,91
Outros	3,77	5,66	9,43
Agressão	-	3,77	3,77
Briga	1,89	-	1,89
Total	30,19	69,81	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi Citada.

Dos moradores, (49,98%) percebem, em seu dia a dia, o roubo como ato de violência (Tabela 28).

Tabela 28: Percentual de moradores do Guamá entrevistados, por gênero e tipo de violência percebida, 2015.

Tipo de Violência Dia-dia	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	18,85	31,13	49,98
Drogas	4,10	6,56	10,66
Outros	1,64	9,02	10,66
Verbal	3,28	5,74	9,02
Mortes	1,64	5,74	7,38
Agressão Física	4,10	2,46	6,56
Moral	3,28	-	3,28
Falta de Respeito	2,46	-	2,46
Total	39,35	60,65	100,00

Nota: A Categoria com “-” não foi Citada.

3.1 ANÁLISE COMPLEMENTAR DOS DADOS

3.1.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Considerando elementos de elaboração de um perfil socioeconômico, pode-se compreender que a população entrevistada possui representação amostral, com margem de erro de 10%, sobre a população do Guamá. Neste aspecto, relevando os primeiros níveis de coleta de dados, destacam-se alguns pontos, conforme abaixo descritos:

Dos entrevistados, (60,00%) são do sexo masculino, (Figura 2), na faixa etária entre 31 e 35 anos de idade (17,00%), (Tabela 14), destes, mais da metade são moradores antigos, com mais de 15 anos no bairro (figura 3).

Desta população, (48,00%) possuem o ensino médio completo, tendo sido evidenciado (1,00%) de pessoas sem escolaridade e (21,00%) com nível superior completo (Tabela 15). A maior parte da população reconhece-se como parda (62,00%), (Figura 4), possui renda familiar até R\$ 1.000,00 reais (45,46%), (Tabela 16). Dos entrevistados, (69,00%) moram em casa própria (Tabela 17) e compartilham suas residências com um grupo entre 4 e 6 pessoas (48,00%), residem entre 10 e 12 pessoas (14,00%), (Figura 5).

Dos entrevistados, (56,00%) participam ou já participaram de eventos culturais e esportivos no Guamá (Tabela 18), fato este que era concebido como um fator preponderante ao sentimento de identificação com o bairro, entretanto percebeu-se que tanto as pessoas que já estiveram envolvidas em eventos culturais e esportivos quanto as pessoas que não participaram destes eventos se identificam com o bairro, (96,00%) e gostam de morar no Guamá (Tabela 10), destas, (82,00%) não têm vontade de morar em outro bairro (Tabela 11), sustentando o sentimento de orgulho por morar no Guamá (54,00%), (Tabela 12).

Neste nível, identificaram-se conteúdos para auxiliar na compreensão do fenômeno estudado, vinculados a aspectos da violência. Verificou-se que (68,00%) consideram o Guamá um bairro perigoso (Tabela 20), assumindo similaridade com (74,36%), que o acham também violento, (Tabela 2), fato este declarado com destaque, pelo número de ocorrências de Roubo (Tabela 3 e 21), seguido por (14,66%) de Mortes (Tabela 3). Esta opinião pode estar sendo influenciada em virtude de (64,00%) dos entrevistados já terem presenciado atos de Roubo (Tabela 25) ou foram vítimas deste ato (84,91%), (Tabela 27) do total de (53,00%), que já foram vítimas de violência (Tabela 26).

Dos entrevistados, (72,00%) relataram que Belém também é perigosa (Tabela 22), destes, (29,16%), em decorrência da prática de Roubo (Tabela 23), fato que se destaca em razão de o número similar de pessoas achar Belém perigosa, em comparação com o Guamá, o qual ficou com (68,00%), (Tabela 20).

Outro aspecto a ser destacado é o fato de que (66,66%) do público escolhido obtêm informações acerca da violência por programas de Televisão, seguido pelo Whatsapp, com (13,01%), (Tabela 19). Ao ser questionado em que situações ocorrem a prevalência do sentimento de insegurança e medo, obteve-se como resposta a rua (41,00%), seguido por sair à noite (20,00%), (Tabela 4). Em contrapartida, o local relatado como mais seguro foi a residência onde moram (55,00%), seguido da igreja,

com (16,00 %), (Tabela 5). Na presença policial, apenas (3,00%) se sentem seguros (Tabela 5).

Os moradores, ao se depararem com uma situação de violência, (43,00%) fogem, apenas (22,00%) acionam a polícia e (8,00%) ainda enfrentam com força física esses atos (Tabela 6). Referente às questões vinculadas à violência e à atividade policial, destacamos a baixa porcentagem de pessoas que possuem o sentimento de segurança na presença policial, bem como o baixo número de pessoas que a chama em situações de violência. Esses dados podem estar relacionados à forma como parte desta população percebe a polícia, (39,00%), como necessária; (28,00%), como corrupta; e (18,00%), como violenta, e um número de (3,00%) considera-a desnecessária (Tabela 13).

Neste universo de representações negativas ao aparato policial e às vivências com atos de violência, é evidenciado que a maior parte dos moradores considera que os aspectos da violência são atos de danos físicos (30,90%), seguidos de ocorrências de roubo (24,00%) e apenas (16,27%) consideram aspectos vinculados à morte como representação de violência, (Tabela 1), fato justificado em razão de (49,98%) da população perceber a prática de roubo como ato de violência em seu dia a dia (Tabela 28). Também foi observado que (70,00%) desta população deixa de fazer algo em consequência da violência (Tabela 7), tais como, evitam sair de casa (50,00%) e ir a locais de lazer (38,57%), devido à violência (Tabela 8).

3.2 CONCLUSÃO FINAL

Com base nos dados apresentados nessa dissertação, pode-se inferir que a Representação Social da violência no Guamá está intimamente ligada a práticas de roubo, vivenciadas no cotidiano dos moradores desta região periférica, com agravo de mortes em segundo plano. Para este entendimento ser elaborado, é preciso esclarecer que os dados estatísticos forneceram uma panorâmica geral dessa relação, os quais foram aprofundados por meio das entrevistas com os líderes comunitários desta região, nesse conjunto, deve-se perceber a importância de cada um desses registros para ser delineado os contornos da relação entre a Representação Social da violência na periferia.

Diante dos dados colhidos, pode-se concluir que os moradores do Guamá representam o bairro da mesma forma que os demais moradores da cidade, recebendo igual influência dos meios de comunicação, o que se demonstra antagônico é a questão de que os moradores desta região, mesmo descrevendo-a como violenta e perigosa,

nutrem um sentimento de orgulho por ser reconhecido como membro desta região, não desejando sair dela, para morar em outro bairro.

A pesquisa indica, também, que, apesar do forte sentimento de identificação com o bairro, os moradores estão readaptando padrões de comportamento devido ao sentimento de insegurança e reconhecimento negativo da atividade policial, destacando que este mesmo sentimento de insegurança é acompanhado para as demais áreas da cidade de Belém, transcendendo a barreira imaginária da região estudada.

Com esses aspectos, ficam evidenciadas claras mudanças de comportamento e concepções sociais, pois (65,00%) da população do Guamá considera que a violência é normal atualmente (Tabela 9), em decorrência de ser comum/em alta frequência, (49,22%), (Tabela 24), fato que pode estar relacionado às suas vivências diárias e sobre influências dos meios de comunicação, em especial o meio televisivo.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa tem reais possibilidades de ser utilizada pelas lideranças sociais e por representantes da Segurança Pública da região estudada, com objetivo de elucidar as questões descritas sobre violência, sentimento de segurança, representação do bairro e da atividade policial. Nesse sentido, tendo por base os resultados aqui expostos, acredita-se que algumas sugestões, em caráter interventivo, são necessárias e precisam ser contempladas com a maior brevidade possível.

Neste âmbito, sugerimos quatro propostas de ações visando modificar a realidade observada no que tange à representação da violência e da atividade policial nesta região.

- a) Adequar o policiamento preventivo e investigativo às ações que mais estão interferindo na realidade do público estudado, gerando maior proximidade da população com os agentes executores desta prática;
- b) Trabalhar por meio das redes sociais, em especial o meio televisivo, a divulgação de ações positivas voltadas à Segurança Pública.
- c) Facilitar ou criar meios de acesso desburocratizado para elaboração de denúncias de atos delituosos e compromisso de fornecer respostas ao pleito demandado.
- d) Compartilhar, com todos os seguimentos desta área, responsabilidades vinculadas à Segurança Pública, evitando o direcionamento exclusivo às instituições policiais;

3.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. **Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea**. In Miceli, Sérgio (org) O que ler na Ciência Social brasileira (1970-2002). São Paulo: Sumaré/Anpocs, 2002, Volume 4.

ANCHIETA, V. C. C.; GALINKIN, A. L. **Policiais civis: representando a violência**. *Psicologia Social*, Porto Alegre, v. 17, n. 1. 2006.

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*, v. 10, n. 23, p. 122-38, 2004.

ALMEIDA, I. M. X. A.; Alves, J. M. N. Rua Dos Pretos; **Territorialização, Identidade em Migrantes. Maranhenses no Bairro do Guamá**, Belém/PA. Revista Movendo Ideias ISSN, v. 1517, p. 199x. Vol. 17, nº 2- julho/ dezembro de 2012.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. In: **A miséria do mundo**. Vozes, 2011.

CASTRO, Fabio Fonseca de; FREITAS, Aline Meriane do Carmo de. De que periferia estás falando? Da representação artística à representação social da periferia em escolas periféricas de Belém. *Conexão-Comunicação e Cultura*, v. 12, n. 23, 2014.

COSTA, D. M. F. d., & Coutinho, M. d. P. d. L. (2011). *Representações sociais da violência elaboradas por crianças e adolescentes vitimados e não vitimados*. Universidade Federal da Paraíba.

GALINKIN, Ana Lúcia; DE OLIVEIRA ALMEIDA, Angela Maria; ANCHIETA, Vânia Cristine Cavalcante. Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 22, n. 53, p. 365-374, 2012.

GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro Luiz. **A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no bairro Restinga** – Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grand do Sul. Porto Alegre, março de 2009.

JODELET, D. *Folie et représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

_____. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

Melo, M. C. B., Barros, E. N., & Almeida, A. M. L. G. (2011). **A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do município do Jaboatão dos Guararapes**. *Ciência & Saúde coletiva*, (16)10, 4211-4220.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?** *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

MOSCOVISCI, S. *La psychologie, son image et son publique*. Paris: PUF, 1961.

_____. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **On social representation**. In: FORGAS, J. P. (ed.). *Social cognition*. London: Academic Press, 1981, p. 181.

_____. (1988), «Notes towards a description of social representations», in *European Journal of Social Psychology*, 18, pp. 211-250.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; CHAMON, Edna Maria Oliveira Querido; MAURICIO, Aline Gomes Cazarim. Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. **Educar em Revista**, n. 36, p. 261-274, 2010.

PIAGET, J. *O Julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

_____. *A Representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro: Record, s.d.

RIBEIRO, Carla Regina e PINTO JUNIOR, Antônio Augusto. **A representação social da criança hospitalizada: um estudo por meio do procedimento de desenho-estória com tema**. *Rev. SBPH* [online]. 2009, vol.12, n.1, pp. 31-56. ISSN 1516-0858.

SANTANA, Ana Flavia Souza. Representações sociais de estudantes do ensino fundamental da rede pública de ensino acerca da violência na escola. **Revista Inter Ação**, v. 37, n. 1, p. 113-130, 2012.

SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. 1ª Ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 7. ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1975.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia del arte*. Barcelona: Barral, 1972.

WACQUANT, Loïc. **Rumo à militarização da marginalização urbana**. In *Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade*, ano 1, n° 15 e 16. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

WIEVIORKA, Michel. **Violência hoje**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2006, vol.11, supl., pp. 1147-1153. ISSN 1678-4561.

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

Nº _____
Edimar M. C. Costa
Pesquisador

QUESTIONÁRIO

(Este questionário visa compreender a forma de representar a violência e suas principais consequências em áreas de subúrbio /2015)

1. IDENTIFICAÇÃO.

Gênero: M () F () Outros (): _____; Idade: _____; Escolaridade: _____; Raça: _____;
Morador do Guamá há quanto tempo? _____; Rua: _____;

2. DADOS SÓCIOS ECONÔMICOS.

Renda familiar declarada até: 1000 reais (), 2000 reais (), 3000 reais (), 4000 reais () acima: _____;
Quantas pessoas moram com você: _____; Residência: própria (), alugada (), cedida (), outros () _____;
Você participa ou já participou de eventos culturais, esportivos em seu bairro, Sim (), Não (), caso sim qual? _____;
Você se identifica com o bairro? Sim () Não (). Você gosta de ser morador do Guamá? Sim () Não ()
teria outro bairro o qual você gostaria de morar e não pode? Sim () Não ()
Qual _____;

3. DADOS PARA COMPREENSÃO DO FENÔMENO ESTUDADO.

Que sentimento surge em você, por ser morador do Guamá? Orgulho (), vergonha (), nenhum (),
outros: _____;

O que é um bairro violento? _____;

O Guamá é violento? Sim (), não () mais ou menos (), outros () _____;

Caso sim, o que faz com que ele seja violento? _____;

Você já presenciou ato de violência: Sim (), Não () / Caso sim qual e onde ocorreu?: _____;

Você já foi vítima de violência: Sim (), Não () / Caso sim qual e onde ocorreu?: _____;

De que maneira você mais toma conhecimento de ações voltadas a atos de violência: TV (), Rádio (),
Conversando pessoalmente com Amigos (), WhatsApp (), Internet, () Site de relacionamento (), Jornal
Escrito (), Outros (): _____;

Em que situações você se sente inseguro e com medo, com mais frequência? _____
e qual o local? _____;

Em que local você se sente mais seguro: em sua residência (), na rua (), na igreja (), entre amigos (),
com seus familiares (), na presença de policiais (), no trabalho (), na escola () outros (), _____;

Você percebe o Guamá como um local perigoso? Sim () / Não (). Caso sim, em que situações: _____;

Você percebe Belém como um local perigoso? Sim (), Não (). Caso sim, em que situações: _____;

Como você reage em situações de violência? foge (), enfrenta com força física (), enfrenta com dialogo (),
Pede ajuda de amigos (), Pede ajuda de seus Parentes () Aciona a polícia (), recorre aos meios legais ()
outros : _____;

Como você percebe a polícia? Necessária (), Violenta (), Desnecessária (), Corrupta (), técnica (),
justa () outro () : _____;

O que é violência para você? _____;

Qual o tipo de violência você percebe em seu dia-dia?

Você deixa de fazer algo por conta da violência? () Sim () Não; o quê? _____

Você acha a violência normal nos dias atuais? () Sim () Não; o por quê? _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

Nº _____
Edimar M. C. Costa
Pesquisador

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Este roteiro visa compreender a forma de representar a violência nas categorias objetivação/ancoragem em áreas de subúrbio /2015)

1- ANCORAGEM

- O que é violência para você?

- Como você explica a violência?

- Como você percebe a violência?

- Em sua opinião, Quais os principais problemas existentes no bairro?

2- OBJETIVAÇÃO

- Qual a imagem que você faz quando pensa em violência.

- Qual a ideia que você tem do Guamá? Imagem positiva ou negativa justifique?

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA – PPGSP
RESOLUÇÃO N.º 4.091, DE 27/01/2011-CONSEPE**

RESOLUÇÃO N° 004/2014- PPGSP de 22 de Abril de 2014

**MODELO DA DISSERTAÇÃO PARA SER
APRESENTADO AO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA,
COM REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE MESTRE EM SEGURANÇA
PÚBLICA.**

MODELO DA DISSERTAÇÃO

Este texto visa apresentar o modelo da Dissertação do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, tendo como objetivo atender as necessidades do Curso de Mestrado em Segurança Pública, Modalidade Profissional do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, no que se refere à normalização das dissertações. Trata-se, portanto, de um documento que se propõe a subsidiar alunos, orientadores e membros de Bancas Avaliadoras, na busca de uma unidade dos trabalhos a serem desenvolvidos e apresentados.

COMPOSIÇÃO E ESTRUTURAÇÃO GRÁFICA

1. DA COMPOSIÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A Dissertação do Curso de Mestrado em Segurança Pública, em sua composição, é dividida em três partes: parte pré-textual ou parte preliminar, parte textual ou corpo do trabalho e parte pós-textual.

A parte pré-textual ou parte preliminar é composta de:

- Capa;
- Folha de rosto (anverso) contendo no verso a Ficha Catalográfica;
- Folha de aprovação;
- Dedicatória (opcional);
- Agradecimentos (opcional);
- Epígrafe (opcional);
- Resumo na língua Portuguesa;

- Resumo na língua estrangeira (Inglês) – Abstract;
- Lista de ilustrações (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas e outros), se houver;
- Lista de tabelas, se houver;
- Lista de abreviaturas e siglas, se houver;
- Lista de símbolos, se houver; e
- Sumário.

A parte textual ou corpo do trabalho é constituído por três capítulos, sendo que:

No **Capítulo 1**, denominado de Considerações Gerais, aborda-se a introdução, justificativa, objetivos e revisão de literatura/ estado da arte;

O **Capítulo 2** deve conter no mínimo um Artigo Científico, com:

- Título do artigo
- Resumo
- Abstract
- Introdução
- Revisão de Literatura (opcional)
- Material e Métodos
- Resultados e Discussão
- Conclusões
- Referências Bibliográficas (obrigatório)

OBSERVAÇÃO: respeitando as normas de apresentação de artigos na revista a qual submeterá, as quais devem constar do Anexo da dissertação.

Já o **Capítulo 3** deve conter as Conclusões do trabalho de pesquisa.

A parte pós-textual é constituída de:

- Bibliografia do Capítulo 1
- Apêndices
- Anexos

2.1 DA PARTE PRÉ-TEXTUAL OU PARTE PRELIMINAR

Capa: considerada a proteção externa do trabalho deve ser digita com letras maiúsculas em negrito e centralizado, na fonte Times New Roman e deve conter:

- nome da instituição à qual a Dissertação está sendo apresentada;
- nome do Curso;
- título e subtítulo (se houver);
- nome do autor;
- local (cidade e sigla do Estado);
- ano da aprovação da Dissertação.

Sendo que na margem superior, deve-se escrever (tamanho da letra: 11): nome da instituição com a logomarca da UFPA logo abaixo, em espaço 1,5 cm o nome do curso. No centro da capa escreve-se, com letras maiúsculas: título e subtítulo (tamanho da letra: 14); o subtítulo, quando houver, é separado do título por dois pontos (:); logo abaixo, o nome do autor (tamanho da letra: 12). E finalmente, na margem inferior (tamanho da letra: 12), coloca-se: local (cidade e sigla do Estado) da instituição e logo abaixo, o ano de aprovação da Dissertação. Por exemplo,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

SEGURANÇA PÚBLICA:
ESTIMATIVA DOS HOMICÍDIOS EM BELÉM

MARIA JOAQUINA DA SILVA LEAL

Belém-PA

2015

Folha de rosto (anverso) e Ficha Catalográfica (verso da folha de rosto)

Na folha de rosto, também chamada de página de rosto, deve conter a identificação da Dissertação, nesta ordem: nome completo do autor (em maiúsculo) centrado na margem superior (fonte: Times New Roman; tamanho da letra: 12); título e subtítulo (se houver) da Dissertação centrados na página com letras maiúsculas (fonte: Times New Roman; tamanho da letra: 14); o subtítulo, quando houver, é separado do título por dois pontos (:); texto recuado a direita explicando o tipo e finalidade do trabalho (ver exemplo). Em seguida na margem esquerda deve vir a indicação da área de concentração e linha de pesquisa e, logo em seguida, o nome do orientador e do coorientador (se houver) com suas respectivas titulações com letras maiúsculas apenas nas iniciais das principais palavras; local (cidade e sigla do Estado) e ano da aprovação da Dissertação, centralizados na margem inferior.

MARIA JOAQUINA DA SILVA LEAL

**SEGURANÇA PÚBLICA:
ESTIMATIVA DOS HOMICÍDIOS EM BELÉM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública – PPGSP, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública

Área de Concentração: Segurança Pública

Linha de Pesquisa: Conflitos, criminalidade e Tecnologia da Informação

Orientadora: Profa. Silvia dos Santos de Almeida, *Dra.*

Coorientadora: Profa. Adrilayne dos Reis Araújo, *M.Sc.*

Belém-PA

2015

Já no verso da folha de rosto deve ser colocada a Ficha Catalográfica contida num retângulo de aproximadamente 12,5 x 7,5 cm, impressa abaixo da metade inferior da página trazendo as informações fundamentais da Dissertação. É importante que para elaboração da Ficha Catalográfica deva ser orientada por um(a) Bibliotecário(a).

Folha de aprovação

A folha de aprovação dever conter:

- título e subtítulo (quando houver) da Dissertação;
- nome completo do autor;
- tipo e finalidade, nome do curso e área de concentração da Dissertação;
- local (Cidade e sigla do Estado);
- data de aprovação (dia, mês e ano) colocada após a aprovação da Dissertação;
- nomes completos dos membros da Banca Examinadora, bem como a titulação dos mesmos e nome da Instituição de Ensino Superior a qual estão respectivamente vinculados; espaços destinados para as assinaturas dos membros da Banca Examinadora, após a aprovação.

A seguir um exemplo de folha de aprovação é apresentado.

**SEGURANÇA PÚBLICA:
ESTIMATIVA DOS HOMICÍDIOS EM BELÉM**

MARIA JOAQUINA DA SILVA LEAL

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, da Universidade Federal do Pará.

Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, Dr.
(Coordenador do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Silvia dos Santos de Almeida
Universidade Federal do Pará
Orientadora

Profa. M.Sc. Adrilayne dos Reis Araújo
Universidade Federal do Pará
Coorientadora

Prof. Ph.D. Robert Wayne Samohyl
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador Externo

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Universidade Federal do Pará
Avaliador Interno

Prof. Dr. Wilson José Barp
Universidade Federal do Pará
Avaliador Interno

Dedicatória

É a folha na qual o autor homenageia ou dedica sua Dissertação a alguém.

Agradecimentos

É a folha na qual autor agradece, sucintamente, as pessoas e instituições que, de alguma forma, colaboraram para a realização da Dissertação.

Epígrafe

É a folha na qual o autor cita um pensamento, seguido da indicação da autoria, relacionado à intenção ou ao assunto trabalho. Podem ocorrer epígrafes no início de cada capítulo ou no início das partes principais da Dissertação.

Resumo

No resumo da Dissertação devem estar especificados os pontos principais do trabalho: (objetivo, marco teórico, procedimentos metodológicos e conclusões), sem entretanto antecipar o epílogo da questão. É redigido em um único parágrafo, sem recuo, isto é, junto à margem esquerda (espaço 1,5 cm; fonte: Times New Roman; tamanho da letra: 12), oscilando em média entre 150 a 500 palavras.

No início do resumo, em um parágrafo à parte, especificar a referência bibliográfica completa da Dissertação e, logo abaixo em outro parágrafo à parte as palavras-chave do estudo separadas entre si. O parágrafo também é finalizado por ponto (.).

Listas

As listas constituem as relações dos elementos ilustrativos ou explicativos inseridos no corpo da Dissertação. As listas só são especificadas quando tais elementos são em número suficiente para justificar sua organização, de preferência a partir de, no mínimo, quatro elementos. Dependendo do estudo podem ser incluídas as seguintes listas:

- Listas de ilustrações: relação seqüencial do título de cada uma das ilustrações (desenhos, gravuras, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas ...), de acordo com a ordem em que aparece no corpo do trabalho acompanhado do respectivo número da página. Se necessário, deve ser elaborado lista própria para cada tipo de ilustração;
- Lista de tabelas: relação seqüencial do título das tabelas com a indicação das respectivas páginas e na mesma ordem onde estão localizadas no corpo da Dissertação;
- Listas de abreviaturas e siglas: relação alfabética das abreviaturas (representação de determinada palavra por meio de sílabas ou letras) e das siglas (representação de um título por meio da reunião das letras iniciais de suas palavras) seguida das palavras correspondentes grafadas por extenso;
- Lista de símbolos: relação seqüencial de cada um dos símbolos (sinal que substitui o nome de uma coisa ou ação), elaborado de acordo com a ordem em que aparece na Dissertação, com o devido significado.

A composição gráfica da página das listas deve obedecer as seguintes especificações:

- na margem superior da página, coloca-se centralizado o título com letras maiúsculas e em negrito (LISTA DE FIGURAS, LISTA DE QUADROS, TABELA ...); a dois espaços simples do título, abaixo, à esquerda, junto à margem, escreve-se o tipo do elemento que justifica a inclusão da lista (FIGURA, QUADRO, TABELA ...) seguido de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos; abaixo da palavra que indica o tipo de elemento que compõe a lista (FIGURA, QUADRO, TABELA ...) coloca-se a legenda utilizada no corpo do trabalho e na mesma direção, o número da página do corpo do trabalho em que a respectiva legenda está inserida. Completa-se, sempre, com pontos, o intervalo entre o enunciado e o número da página. Um exemplo de lista é apresentado a seguir.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1

População de Campos dos Goytacazes, por anos de estudo formal
.....24

GRÁFICO 2

População de Campos dos Goytacazes distribuída pelo tempo em hora (%) em que assiste à TV..... 37

GRÁFICO 3

População de Campos dos Goytacazes que lê jornal (%)
.....48

GRÁFICO 4

Frequência de leitura de jornal da população de Campos dos Goytacazes
..... 50

GRÁFICO 5

População de Campos dos Goytacazes ouvinte de rádio
..... 69

GRÁFICO 6

Ouvinte de rádio de Campos dos Goytacazes conforme ajuda recebida dos voluntários (%)
..... 70

GRÁFICO 7

Tipos de instituições de Campos dos Goytacazes conforme ajuda recebida dos voluntários
..... 76

A seguir é apresentado um exemplo de Sumário.

Sumário

O Sumário constitui a indicação do conteúdo da Dissertação, relacionando sequencialmente os títulos das principais seções, com indicação de suas respectivas páginas iniciais. Esta relação deve ser a reprodução exata dos títulos apresentados no estudo. Inicia-se a página com o título SUMÁRIO centralizado na margem superior da página. Com início na margem esquerda, aparecem os nomes das listas, quando utilizadas no trabalho, seguidas dos números das páginas em que se encontram no corpo da Dissertação. Os demais elementos pré-textuais não são indicados no Sumário. Depois das listas, especificam-se os títulos das principais seções da Dissertação (se numerados, utilizar algarismos arábicos, conforme ABNT NBR 6024:2003). Indicam-se, apenas, os números das páginas que iniciam as seções. As referências e, quando houver, o glossário, os apêndices e/ou anexos são indicados posteriormente. A distância entre os títulos e os números das páginas é preenchida por pontos.

A parte pré-textual deve ser numerada em algarismos romanos minúsculos, sem exibir numeração na primeira página (capa). A numeração deve ser colocada no canto superior direito.

2.1 DA PARTE TEXTUAL OU CORPO DO TRABALHO

1. Introdução

O título “1.INTRODUÇÃO”, em letras maiúsculas e em negrito, é justificado, sem pontuação final, a 90 mm do topo da página; sua forma e colocação têm que estar em harmonia com os títulos dos capítulos seguintes. O texto da introdução começa a 120 mm do topo da página, e nele pode-se incluir citações bibliográficas (autor-data) quando for o caso. Deve oferecer a idéia geral dos objetivos, da justificativa e da relevância socioambiental regional do estudo desenvolvido, bem como as principais conclusões do trabalho e produtos dele originados, descrevendo os principais conteúdos abordados no Artigo.

2. Artigo Científico

O título “2. ARTIGO CIENTÍFICO”, em letras maiúsculas e em negrito, é centralizado, sem pontuação final, a 90 mm do topo da página. Podem-se ter três casos: artigos já publicados, artigos aceitos para publicação e artigos a serem submetidos à publicação. Nos dois primeiros casos (os artigos foram desenvolvidos no período do curso), devem-se seguir as normas da revista onde foram ou serão publicadas, inclusive as citações bibliográficas. Obrigatoriamente, no título de cada artigo deve existir chamada de rodapé explicitando que aquele trabalho fez ou fará parte da dissertação a ser apresentada. No terceiro caso, podem-se seguir as normas da revista na qual pretende publicar.

OBSERVAÇÃO: nos três casos o Artigo deve ter no mínimo qualis B2 na classificação CAPES.

- **Título do artigo (obrigatório)**

O título específico do primeiro trabalho, em letras maiúsculas, é centralizado, sem pontuações, abaixo de “3.TRABALHOS”, a 120 mm do topo da página (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Resumo (obrigatório)**

O título “RESUMO”, em letras maiúsculas, é centralizado, sem pontuações, abaixo de “3.TRABALHOS”, a 120 mm do topo da página (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Abstract (obrigatório)**

O título “ABSTRACT”, em letras maiúsculas, é centralizado. O texto do abstract começa a 3 espaços abaixo da palavra ABSTRACT (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Introdução (obrigatório)**

O título “INTRODUÇÃO”, em letras maiúsculas e em negrito, é justificado, sem pontuação. O texto da introdução começa a 3 espaços abaixo da palavra **INTRODUÇÃO**. (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Revisão de Literatura (opcional)**

O título “REVISÃO DE LITERATURA”, em letras maiúsculas e em negrito, é justificado, sem pontuação. O texto da revisão de literatura começa a 3 espaços abaixo das palavras **REVISÃO DE LITERATURA** (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Material e Métodos (obrigatório)**

O título “MATERIAL E MÉTODOS”, em letras maiúsculas e em negrito, é justificado, sem pontuação. O texto do Material e Métodos começa a 3 espaços abaixo das palavras **MATERIAL E MÉTODOS** (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Resultados e Discussão (obrigatório)**

O título “RESULTADOS E DISCUSSÃO”, em letras maiúsculas e em negrito, é justificado sem pontuação. O texto de Resultados e Discussão começa a 3 espaços abaixo das palavras **RESULTADOS E DISCUSSÃO**.

OBS.: Pode-se separar “RESULTADOS” de “DISCUSSÃO” em dois tópicos distintos (4 espaços simples, Times New Roman 12)

• **Conclusões (obrigatório)**

O título “CONCLUSÕES”, em letras maiúsculas, e em negrito, é justificado sem pontuação. O texto de Conclusões começa a 3 espaços abaixo da palavra **CONCLUSÕES** (4 espaços simples, Times New Roman 12).

• **Referências Bibliográficas (obrigatório)**

O título “REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS”, em letras maiúsculas, é centralizado, sem pontuação. O texto das Referências Bibliográficas” começa a 3 espaços abaixo das palavras **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**. As referências bibliográficas do artigo devem seguir as normas da revista onde foi ou será publicado.

Todos os subitens anteriormente descritos devem ser numerados e constar do sumário da Dissertação.

4. Conclusões (obrigatório)

(obrigatório, com título justificado e em negrito, em letras maiúsculas). O título “4. CONCLUSÕES”, em letra maiúscula, é justificado e em negrito, sem pontuação final, a 90mm do topo da página; o texto começa a 120 mm do topo da mesma. Pode incluir citações bibliográficas (autor-data) quando for o caso. Pode também existir subdivisões. Deve oferecer um resumo e conclusões gerais dos artigos contidos na Dissertação.

A parte textual deve ser numerada em algarismos arábicos, seguindo a numeração da parte pré-textual. A numeração deve ser inserida no canto superior direito da página.

2.3 PARTE PÓS-TEXTUAL

Referencias bibliográficas do Capítulo 1: as referencias bibliográficas devem ser construídas de acordo com as normas da ABNT.

Apêndices (opcional, com título centralizado, em letras maiúsculas)

O apêndice é comumente usado para acrescentar material ilustrativo suplementar, dados originais e citações longas demais para inclusão no texto ou que não sejam essenciais para compreensão do assunto. Esta seção é separada do material precedente por uma folha de rosto trazendo o título “APÊNDICES” (ou, se há apenas um, “APÊNDICE”), em letras maiúsculas, centralizado e sem pontuação. A folha é contada, mas não é numerada.

Os apêndices são subdivididos em APÊNDICES A, APÊNDICES B, APÊNDICES C etc., dependendo dos tipos e das quantidades dos materiais usados, recebendo o tratamento de divisão de primeira ordem. Se houver somente um Apêndice, colocar Quadro 1A, Quadro 2A etc., Figura 1A, Figura 2A etc.; porém, chamá-lo de APÊNDICE e não de APÊNDICE A. Cada apêndice, com seu título, caso o tenha, é listado separadamente no SUMÁRIO. Quadros e figuras nos apêndices devem receber número e legenda e também constar da lista de quadros e da figuras.

Anexos (opcional, com título centralizado, em letras maiúsculas)

O anexo é comumente usado para acrescentar dados secundários ou documentos relevantes de autoria de terceiros, citados na Dissertação. Cada anexo, com seu título, caso o tenha, é listado separadamente no SUMÁRIO. Quadros e figuras nos anexos devem receber número e legenda e também constar da lista de quadros e das figuras.

APROVADO EM REUNIÃO DO COLEGIADO DO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2013.

Belém, 22 de abril de 2014.

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Coordenador do Programa de Pós-Graduação Profissional *Stricto Sensu* em
Segurança Pública
Portaria Nº 0824/2015 – Reitoria – 24/02/2015